

AUTORES & LIVROS

5/4/1942
Ano II

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. II
Nº 11

Notícia sobre Aluizio Azevedo

Mucio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão, em 14 de abril de 1857. Era filho do cidadão português em São Luís, D. Antônio Gonçalves de Azevedo e de D. Eulália Branco. Fez os primeiros estudos com Raimundo Joaquim Cesar e José Antônio Pires. Recebeu também lições de desenho do professor italiano Domingos Tribuzi. Chegando à adolescência, foi, com seu irmão Arthur, colocado na casa de um tio de David Freire da Silva, como caixeliro. Foi depois professor de português, na colônia Peillon.

Em 19 anos, veio residir no Rio, onde já chegara seu irmão Arthur, que aqui se estreava com grande êxito no imprensa. Aluizio foi trabalhar como caricaturista no "Figaro" e no "Mequetrefe". No Rio, matriculou-se na Escola de Belas Artes, cursando durante um ano as aulas de modelo vivo. Encontrou-se desenhos seus em "Comédia Popular", na "Vila Fluminense" e no "Zig-Zag".

Sua habilidade no desenho e auxílio na composição dos seus romances, pôs Aluizio tinha o hábito de escrever fazendo-se acompanhar de imagens desenhadas de cada um dos seus personagens, que, à proporção que saiam da ação do livro, eram tirados de cima da mesa. Foi pintado por ele, juntamente com um companheiro, o pano de boca do Teatro Ginásio, e bem assim parte das cenários da "Petite Marine", representada no Teatro Alazar. Como pretendesse aperfeiçoar seus estudos de pintura, requereu uma pensão à assembleia maranhense, para poder partir para a Itália; isso lhe foi negado.

Em 1879, morre seu pai. Aluizio parte para o Maranhão, e ali, nos anos de 1880 e 1881, redige "O Pensador", jornal de tendências revolucionárias para a época. Com o pseudônimo de "Pitribi", colaborava na "Flecha", nos anos de 1879 e 1880, tornando parte na luta existente entre aquele jornal e a "Civilização", órgão católico dos padres

Mourão e Fonseca. Na "Pacatíbia", redige a seção "Revista dos Jornais", usando o pseudônimo de "Luinbo". Como redator de "O Pensador" veio a sofrer um processo, que lhe foi movido pelo padre José Batista.

Com o aparecimento de "O Mulato", em 1881, novas perspectivas se abriram diante dos seus olhos. O livro fez um sucesso considerável, e Aluizio, com o dinheiro obtido, pode regressar ao Rio. Aqui abandonou suas veleidades de pintor e caricaturista, entrando-se de corpo e alma à sua verdadeira vocação, que era a de escritor e de romancista.

Em 31 de junho de 1891 obteve a nomeação para oficial maior da Secretaria dos Negócios do Estado do Rio de Janeiro, cargo de que foi dispensado em 31 de janeiro do ano seguinte. Em 30 de dezembro de 1895 obteve por concurso o cargo de vice-consul do Brasil em Vigo, sendo removido, dois anos

depois, para o vice-consulado de Iokoama e em 1899 para o de Salto. Em 31 de março de 1903 foi nomeado consul em La Plata, removido em 1904 para Cardiff e em 1906 para Nápoles. Por ato de 29 de junho de 1910 foi promovido a consul geral em Assunção. Em 27 de fevereiro de 1911, sem prejuízo das suas funções consulares, Rio Branco conferiu-lhe o posto de adjunto à legação do Brasil no Paraguai. Por decreto de 23 de julho do mesmo ano, foi nomeado adjunto comercial junto às legações do Brasil na República Argentina e no Chile e nas demais da América do Sul, para as quais fosse oportunamente designado.

Aluizio Azevedo, foi um dos fundadores da Academia Brasileira, criando ali a cadeira n.º 4, de que é patrono Basílio da Gama. Foi substituído pelo senhor Alcides Maya.

Faleceu em Buenos Aires, no exercício de sua carreira consular, em 21 de janeiro de 1913. Seus restos mortais foram transferidos para o Rio, de onde seguiram para o Maranhão.

Bibliografia de Aluizio Azevedo

E' a seguinte a bibliografia de Aluizio Azevedo:

A — ROMANCES:

— "Uma lágrima de mulher", H. Garnier, Rio, 1880;
— "O Mulato", Tip. do País, Maranhão, 1881;

— "O Mistério da Tijuca ou Girândola de Amores" (sali principalmente na Folha Nova) H. Garnier, 1882;

— "Memórias de um Conde-nado", folhetins da "Gazeta", 1882. (Terceira edição com o título de "Condezaa Vesper", Garnier, 1902).

— "Casa de Pensão", Tip. Mitar de Santos e Cia., 1884;

— "Filomena Borges" — "Gazeta de Notícias", 1884.

— "O Homem", Tip. de A. de Castro Silva, 1887.

— "O Coruja", Garnier, 1890.

— "O Cortiço", Garnier, 1890.

— "A Mortalha de Alzira", Fauchon e Cia, 1894. (Aparecido primeiramente na "Gazeta de Notícias", assinado pelo pseudônimo de Victor Leal);

— "Livro de uma sogra", Tip. de Domingos Magalhães, 1895;

— "A Filha de S. Excia.", inédito;

B — CONTOS:

— "Demônios", S. Paulo, Telxeira e Irmão, 1899;

— "Pegadas", H. Garnier, 1898 (7).

C — TEATRO:

— Demônios, contos. S. Pau-

lo Teixeira e Irmão, 1893;

— Pegadas, H. Garnier,

— "Os Doidas", comédia em

3 atos, em colaboração com

Artur Azevedo em verso; al-

gunos fragmentos, segundo Vello

da Silva, saíram na "Revista dos

Teatros", em 1 de julho de

1879;

— "Casa de Orates", colab-

oração com Artur Azevedo, co-

média em três atos, representa-

do no Teatro São João em 1882

(inédita);

— "Galeria Teatral". "A flor

de Lis", ópera acomodada à

cenca brasileira por Artur e

Aluizio Azevedo. Música de Leão Vassour, Rio, Domingos de Magalhães, editor, 1882;

— "Filomena Borges", comédia em 1 ato, 1884, representada no Teatro Príncipe Imperial, (inédito);

— "O Mulato", drama em três atos, 1884, representado no Recreio Dramático, (inédito);

— "Venenos que curam", comédia em 4 atos, em colaboração com Eugenio Rouede, 1885, representada no Teatro Lucinda, (inédito);

— "Os Sonhadores (Macauquinhos no sotão)", comédia em três atos, 1887, representada no Teatro Santana, (inédito);

— "Fritzack", em colaboração com Artur Azevedo, revista fluminense de 1888, em prosa e verso, um prologo, três atos e 17 quadros, música de Leocadio Rayol, Rio, Luiz Braga Junior, editor, 1889;

— "A República", revista de ano com Artur Azevedo, 1890, representada no mesmo teatro;

— "Um caso de adulterio", drama em 3 atos, com Emilio Rouede, 1891, representada no Teatro Lucinda, (inédito);

— "Em Flagrante", comédia em 1 ato, com Emilio Rouede, representada em 1901, no Teatro Lucinda, (inédita);

— "As Minas de Salomão", fantasia em 5 atos (mencionada por Artur Mota);

— "O Inferno", fantasia em 3 atos, em colaboração com Emilio Rouede, (inédita);

— "A Mulher", drama fantástico, (inédito);

— "Fluxo e refluxo", fantasia em três atos, no "Almanaque Garnier", 1905.

Encontram-se trabalhos de Aluizio Azevedo nos jornais actuais citados e em muitos outros, como a "Semana", o "Album", "Gazeta Literária", "Gazeta de Notícias", "Almanaque Garnier", "Revista da Academia Brasileira de Letras", "Revista Americana", etc.



ALUIZIO AZEVEDO

SUMÁRIO

PÁGINA 167:

PÁGINAS 174 E 175:

— Notícia sobre Aluizio Azevedo. — História de "O Mulato", de José Montello.

— Bibliografia de Aluizio Azevedo. — Aluizio Azevedo na opinião de Ronald de Carvalho.

— Pensamentos de Aluizio de Azevedo. — Uma mulher. — A vida, O encanto feminino, no.

PÁGINA 176:

PÁGINAS 174 E 175:

— Aluizio Azevedo, de José Veríssimo.

— Algumas palavras sobre "O Mulato". (Prefácio da 3ª edição) de Aluizio Azevedo.

PÁGINA 177:

— Aluizio Azevedo, de José Veríssimo.

— Algumas palavras sobre "O Mulato". (Prefácio da 3ª edição) de Aluizio Azevedo.

PÁGINA 178:

— Aluizio Azevedo, de José Veríssimo.

— Aluizio Azevedo, contista. — O maledicente.

— Duas poesias de Aluizio Azevedo. — Selos. Dura lex.

PÁGINA 179:

— A vida de Aluizio Azevedo, de Domingos Barbosa (da Academia Maranhense).

— Dois sonetos de Aluizio Azevedo. — Velha Saudade — Maldição.

PÁGINA 180:

— Um capítulo de "A Mortalha de Alzira", de Aluizio Azevedo.

— Balada, de Aluizio Azevedo.

PÁGINA 181:

— O grande Paládio, conto de Antônio Austregésilo (da Academia Brasileira).

— A morte de um mediano cultural, de Ernesto Feder.

PÁGINA 182:

— Fulanda à sombra e mistériosa Princesa, poema de Mucio Leão (com ilustração de Osvaldo Goeldi.)

— Galeria de nomes ilustres.

PÁGINA 173:

— A obra de Aluizio Azevedo, de Alcides Maya (da Academia Brasileira).

A PENSÃO DE MADAME

Em justamente três anos de peso disso que Amancio chegou ao Rio de Janeiro.

A casa de Mine, Brizard estava então no seu apogeu: de todos os lados cheavam os hóspedes, entre os quais se notavam pessoas de importância. Pelo tempo das câmaras reuniam-se ali alguns deputados da província, homens sérios, em geral gordos, o ar discreto, um sorriso infantil à superfície dos lábios e um fraseado imaginativo, chício de poesia. Fazia-se política no salão, depois da comida, em chinelas de tapete, ao remansado soprar do fumo da Baia.

A dona da casa gozava para cima de muita consideração; só um ou outro, mais atirado à pílheria, ousava atribuir a alguns dos seus "nobres colegas" os sorrisos de Mine, Brizard.

Outros entusiasmavam-se por ela.

— Não! Diziam. — Aquela mulher devia ter sido um paracaidista no seu tempo! Tudo que era pescoço eombros ainda se podia ver! Quem dera a muitas novas um colo daqueles!

De uma feita um deputado de Minas, criatura baixa, secado, rosto curto, poucas palavras e muita barba, empalmou-lhe a cintura na sala de jantar.

A francesa baixou os olhos, afastou-se dignamente, e logo disse ao marido que era necessário por aquele homem na rua.

— O Moura? Por que?

— Não te posso dizer porque... mas afianço que o Moura não nos convém!

— Fez-te alguma?

— Faltou-me ao respeito!

— Hein?

— Agarrou-me a cintura e teme-la beijado e pescoco, só lho permitisse.

Esta última parte da queixa faria mais honra ao espírito inventivo de Mine, Brizard do que ao seu espírito de verdadeira: ela, porém, não resistiu ao gosto de falar no seu pescoço sempre que se oferecia ocasião.

O Moura teria posto os ossos na rua, se a própria Mine, Brizard não intercedesse por ele no dia seguinte, alegando que o pobre homem havia na véspera entregado um pouco mais no virgem.

Também foi só. Nunca mais, que constasse, palpitará ali sombra de escândalo, e a famosa casa de pensão continuava a sustentar a melhor aparência deste mundo. Até se dizia à boca cheia que, por mais de uma vez, lá se hospedavam verdadeiras celebridades, e eram todos de acordo em que no Rio de Janeiro ninguém fazia espetáculos de camarão tão saborosos como os da simpática irmãzinha do João Coqueiro, a Amelia. Uma verdadeira especialidade. Constante até que vinha gente de longe ao cheiro daqueles camarões.

A casa tinha dois andares e uma boa chácara no fundo. O salão de visitas era no primeiro. — Mobília antiga, um tanto mesclada: no centro grande lustre de cristal, coberto de filo amarelo. Três largas janelas de sacada, guarnecidas de cortinas brancas davam para a rua: do lado oposto, um enorme espejo de moldura dourada e gasta, inclinava-se pomposamente sobre um sofá de molhas, em uma das paredes laterais, um detestável retrato a óleo de Mine, Brizard, vinte anos mais moça, olhava sorrindo para um velho piano, que lhe ficava frontalmente: por cima dos conoscos os vasos bonitos de louça da Índia, cheios de areia até a borda.

Imediatamente à sala, com uma larela igual áquelas outras, havia um gabinete comprido e muito estreito, onde o Coqueiro tinha a sua biblioteca e a sua banca de estudo. Via-se ali uma pasta cheia de papéis, um tinteiro e um depósito de fumo, representando o busto de um barbadinho: ao fundo, uma conversa de palhinha, encostada à

paredes, por debaixo de um pequeno caixinho de madeira com o retrato de Victor Hugo em gravura.

Seguiu-se o aposento de Mine, Brizard e mais do marido, onde também dormia o menino, o Cesar, que teria então doze anos; logo depois estava o quarto de Amelinha e da tal viúva estérica, Leonie, a quem a famiglia só tratava por "Nini".

Vinha depois a grande saia de jantar, forrada de papel alegre, nas paredes distâncias vampeadas, representando marujos de chapéu de palha, tomando gebeira, e assuntos de conventos:

— Frades, muitos nédios e vermelhos refestelados à mesa ou a brincarem com mulheres suspeitas. Um guarda louça expunha, por detrás das vidraças, os aparelhos de porcelana e os cristais; defronte um aparador cheio de garrafas, ao lado de outro em que estavam os moringues.

Ainda havia um corredor, a dispensa, a cozinha, uma escada que conduzia à chácara, outra ao segundo andar, e mais três alcovas para hóspedes, todas do mesmo tamanho e numeradas.

A numeração dos quartos principiava ai nesses três para continuar em cima. Em cima é que estava o grande recurso da casa, porque Mine, Brizard dividia todo o segundo pavimento em oito cubículos iguais: ilhando quatro de cada lado e o corredor no centro. Os da frente davam janelas para a rua e os do fundo para a chácara. As paredes divisorias eram de madeira e forradas de papel nacional.

João Coqueiro, quando saiu do Hotel dos Príncipes na manhã do almoço, no proçopodó: o Simões, que caminhava a sua esquerda um pouco encadado pelos vinhos, em vão tentou, repetidas vezes, puxá-lo à pauleira; o outro respondia apenas por monossílabos e, na primeira esquina, despediu-se e correu logo para a casa.

Ao chegar foi direto à mulher, dizendo-lhe em voz baixa, antes de mal passar:

— Olha cá, Lele!

E encaminhou-se para o quarto, Mine, Brizard largou o que tinha entre mãos e seguiu-o atentamente.

— Sabes? disse ele, sem transição, assentando-se ao redor do cama. — É preciso arranjarmos como para um rapaz que há de vir por ali domingo. Um rapaz! Mas tu sabes perfeitamente que os quartos acham-se todos ocupados. Se tivesses prevenido... o n. 2 ainda ontem estava vazio... Mas quem é?

— Há de ser arranjar, seja como for! disse o Coqueiro.

— Mas quem é?... insistiu Mine, Brizard.

— É um achado precioso! Ainda não há dois meses que chegou do norte, anda as apalpadelas! Bemvemo a conversar por muito tempo! — É filho único e tem a herdar uma fortuna! Ah! Não! Imaginas: só pela morte da avó, que é muito velha, creio que a coisa vai parar aíem de quatrocentos contos!

Mine, Brizard escutava, sem despregar os olhos de um ponto, os pés cruzados e com uma das mãos apoiando-se no espaldar da cama.

— Ora, continuou o outro gravemente: — Nós temos de pensar no futuro da Amelinha... ela entrou já nos vinte e três anos... se não abrimos os olhos... adeus casamento!

— Mas dai... perguntou a mulher, fugindo a participar da confiança que o marido revelava naquele plano.

— Daí é que tenho cá um palpite! explicou ele.

— Não conheces o Amancio... A gente leva-o para onde quer!... Um simplório, mas o

que se pode chamar um simplório!

Mine, Brizard fez um gesto de dúvida.

— Afanço-te volveu Coqueiro, que se o metermos em cama e se o conduzirmos o negócio com um certo jeito, não lhe dou três meses de solteiro!

A francesa torcia e desforçava em silêncio uma de suas madeixas de cabelo preto, que lhe calam na testa.

— Ele terá fraco pelas mulheres? perguntou afinal. O estudante respondeu com um gesto de convicção, e acrescentou:

— Negócio decidido! A questão é arranjar-lhe o comodo, e já Tu... — fala com franqueza a Amelinha; a mim não fica bem... olha, ate me lembro... Hein? Por pouco tempo... é só enquanto não se desocupa algum dos quartos...

— O gabinete?... mas tão atravancado... apertadinho!...

— Dá-se-lhe um jeito! Arranjo-o! Contanto que o nosso homem não deixe de vir: porque, Lôlo, lembra-te de que é um filho único, com muito dinheiro e tolot!

Hoje não se encontra disso a cada passo!... Se perdemos a ocasião divido que apareça outra tão boa! Enfim, resumiu ele, — eu já fiz o que tinha a fazer: o resto é contigo! Fala a Amelinha mas fala-lhe com jeito, tu sabes, pinta-lhe a coisa como é... e não te esqueças de arranjar o gabinete. Até logo, tenho ainda que ir à tua mas volta daqui a pouco.

* * *

Nessa mesma tarde Mine, Brizard entendeu-se com a cunhada: falou-lhe sutilmente no "futuro" disse-lhe que "uma menina pobre, fosse quanto fosse bonita, só com muita habilidade e alguma esperança poderia aspirar um marido rico!".

E tocando-lhe intencionalmente no queixo:

— Andá lá minha sonda, que sabes disso tão bem como eu!

Amelia riu, concentrou-se um instante e prometeu fazer o que estivesse ao seu alcance, para agradar ao tal sujeitinho.

Andria, com efeito para achar marido, por se tornar dona de casa. A posição subordinada de menina solteira não se compadece com sua idade e com as desenvolturas do seu espírito. Gracias ao meio em que se desenvolveu, sabia perfeitamente o que era o pão e o que era queijo: por conseguirem as precauções e as reservas, que o irmão tomava para com ela, faziam-lhe sorrir.

As vezes tinha vontade de acabar com isso. Que diabo significam tais cauteias?... Se a supunham uma teleirona, enganavam-se... ela era muito capaz de os enfiar a todos pelo ouviduo de uma agulha!.

Agora, por exemplo, neste caso do tal Amancio, que custava ao Coqueiro, explicar-se com elas francamente... Por que razão, se ele precisava de seu auxílio, não a procurou e não lhe disse as claras: "Fulana, domingo vem aqui um rapaz, nestas e nestas condições; ve se o cativas, porque ali está o motivo que te conveniente!".

Mas não adiou — meteu-se nas encochas e entregou tudo nas mãos da mulher!

Queres saber de uma coisa? disse tomando a mulher de parte. — Val tu e mais Amelia arranjar o gabinete, que eu cearrei uma carta ao nosso homem; pode ser que amanhã mesmo o tenhamos por cá. Vai, val! O segredo das grandes coisas está às vezes nestas pequenas deliberações.

E enquanto Mine, Brizard aprontava com Amelia o gabinete, escreveu a carta que Amancio encontrou sobre a cama.

Não descansaram mais um instante. Desde pela manhã da dia seguinte andava a casa em grande alvoroco. Foi preciso varrer, escovar, remover do gabinete os moveis que o atravancavam. Preparou-se uma bela caminha, coberta de lençóis claros e cheirosos; estendeu-se um tapeçado no chão; colocou-se a um canto o lavatório, encheu o jarro que ficou dentro da bacia, ao lado da toalha. E feito isto, puseram-se todos à espera do Amancio.

Ele até aquelas horas, não havia declarado por escrito se iria ou não, logo — era prova de que fosse.

E com efeito, pela volta do meio dia, um tilbury parou à porta, e Amancio, muito intragado com a numeracão das casas, entrou no corredor, a olhar para todos os lados.

Um moleque, que ficara de alcatra à espera dele, correu logo ao primeiro andar, gritando que "o moço já viera"!

Cala a boca, diabo! respondeu Mine, Brizard em voz abaixada e discreta.

Coqueiro ergueu-se prontamente do lugar onde se achava e atirou-se com espalhafato para o corredor, alegre e expansivo, como se recebera depois de longa ausência, um velho amigo da infância.

Bravo! exclamava, sacudindo os braços e correndo ao encontro de Amancio. — Bravo! Assim é que entendo os amigos! Não te perdoaria se faltasse! E com muita festa, a apresentou.

— Vem entrando para a sua de jantar! Estas em tua casa! Entrai! Entrai!

Amancio deixava-se condutor, em silêncio, não tinha o mesmo tipo mal ajeitado com que se apresentara ao Campos; agora, um termo de castanho cintzento, comprado nele mesmo manhã num alfaiate da rua do Ovidior, dava-lhe ars eminguereiros de jano-ismo. Vinha de barba feita as unhas impecáveis, os dentes cintilantes, o cabelo dividido ao meio, formando sobre a testa duas grandes pétalas lustrosas e o feitio de uma borboleta de asas abertas. Os olhos não denunciavam os lamidos da vespresa, e de todo ele respirava um cheiro aiva de sândalo.

— Estimei bem que me escrevesse... disse atravessando o corredor, ao lado do Coqueiro. Não tinha para onde ir hoje. O Campos está de passeio com a família lá para o tal Jardim Botânico.

— Pois eu estimei ainda mais que viesses. Entrá!

Penetraram na sala de jantar. Estava tudo muito bem arrumado e muito limpo, daí se podia desejá-lo melhor aspecto de felicidade cascira, em tudo a mesma aparição austera e calma de uma velha paz inebriante e honesta. Mine, Brizard, sentou-se bem como a própria Amelia, — para que pois aqueles escrupulos ridículos e amedrontadores?...

Coqueiro sabia de tudo isso, bem como a própria Amelia, — para que pois aqueles escrupulos ridículos e amedrontadores?...

Só à noite, à costumada palestra em torno da mesa de jantar, lembraram-se de que o dia seguinte era de grande gala. O diabol considerou Coqueiro. — E eu que podia ter dito ao Amancio para vir amanhã! Escusavamo-nos de esperar até domingo. — Ora, senhores! onde diabó tinha eu a cabeça!

Queres saber de uma coisa? disse tomando a mulher de parte. — Val tu e mais Amelia arranjar o gabinete, que eu cearrei uma carta ao nosso homem; pode ser que amanhã mesmo o tenhamos por cá. Vai, val! O segredo das grandes coisas está às vezes nestas pequenas deliberações.

E quanto ao Coqueiro, empurrando o colega para junto das senhoras. E acrescentou, de ligeiro: — Minha mulher é minha irmã... O amigo já sabe que são duas criadas que têm ás suas ordens! O Amancio agradeceu, desfazendo-se em reverências e apertando as mãos de ambas, todo vermelho para a frente, as faces intensificadas pela comicação daquela primeira visita.

— Põe-te à vontade! ti botou-me lá o Coqueiro, em quase de sensura. — Olha uma cadeira. Senta-te!

E tirando-lhe a bengala e o chapéu das mãos: — Aqui estás em tua casa. Minha gente não é de cerimónias!

Entretanto Mine, Brizard tomava a si com perguntas:

— Ha quanto tempo havia, chegado, de que província era? — Ilhavo; se tinha saudades das Ilhas: se gostava do Rio de Janeiro; que achava as Ilhanenses... se já estava embriado por alguma?

— Evinham os risos exagerados e sem pretexto, de quando se deseja agradar visitas.

O provinciano respondeu o tudo, inclinando a cabeça, procurando achar bem a resposta a esse verbo de boa educação. Ia-lhe a fugindo o primitivo acanhamento e as palavras acuidosas.

BRIZARD — ALUIZIO AZEVEDO

he à ponta da língua, sonoras e doces.

Não tento desgostado da sorte, dia a brincar com a sua medalha do corrente, mas, confesso, esperava melhor. — Li de lora, sabe V. Excia? a coisa parece outra! Fala-se tanto no Rio! Pintam-no tão grande, tão bonito, que o pobre provinciano, ao chegar aqui, logo sofre uma terrível deceção!... Peço meus comigo foi assim!

O sr. Vasconcelos já visitou os arrabaldes?... perguntou Mme. Brizard muito delicadamente.

Ainda não minha senhora. Apenas fui a Botafogo, de passagem, para entregar uma carta, mas, tenciono percorrer-lhos, todos, na primeira ocasião.

E Amancio olhava a espáços para Amelia, que parecia muito preocuada com o trabalho.

Pois suspensa este seu juizo a respeito do Rio, até que conheça os arrabaldes, acrescentou a dona da casa. — Só por elas se poderá julgar do quanto é bela e grandiosa esta cidade! O natureza do Brasil não há coisa nenhuma que se possa comparar!

E ficando-o, depois de um grito de entusiasmo: — Para um espírito contemplativo e apixonado, esta esplêndida natureza vale por todas as maravilhas da velha Europa!

V. Excia., parece gostar muito do Brasil.

Habituou-me a isso com o meu segundo marido... Ele era louco por este país! Quantas vezes, depois que caiu doente e que os médicos lhe recomendaram que viajasse, quantas vezes não o aconselhei a que iluminasse aqui os seus negócios e fossemos viver para a Europa. Ja não havia sombra de perspectiva política (porque foi uma perseguição política que o atirou no Brasil), não havia razões por conseguinte para não voltar a pátria; não havia razões para deixar morrer aqui, como morto!... Pois bem, sabe o senhor o que é de responder a mim? Dizia-me: "Bebê, compareceste um homem apaixonado por uma mulher, a ponto de não a poder deixar um só instante! Compreendes um escravo, um cão? — Assim sou eu por esta natureza! Não a posso abandonar!" — estou apaixonado, Iaco!" entretanto.

Veja o Dr. Hipólito, aquela turma foi devidamente apreendido e compreendido; nunca receberam a mais insignificante prova de gratidão do governo desse país, que ele idolatrava em que modo! Trabalhou muito para o Brasil, e de graça! Estão ai as empresas, os jornais, as sociedades que fundou! Pois o governo, — nem uma palavra, nem uma consideração, nem um milho obrigado! Se o rubro comem não tivesse posto de parte algum dinheiro, ficava eu na miséria, perfeita mente na miséria!

Amancio principiava a desconfiar que aquela francesa era, nada menos que um formidável "tacão".

— Uma verdadeira paixão!... Instaúa ela. — Uma paixão que prendia aqui! porque, senhores, Hipólito, se quisesse, podia representar um invejável pato na Europa! Tinha lá o seu lugar seguro, e...

Foi interrompida pelo Cesar que entrara de carreira, mui mui estacada de repente ao dar com Amancio. Coqueiro havia de afastado para mandar servir alguma coisa.

Este é o meu Cesar, meu último filho, eludiu Mme. Brizard, e gritou logo — Vem cá Cesar! Vem falar com este moço!

Cesar aproximou-se vagarosamente, com o silêncio de quem observava um estranho.

Lindo menino! considerou Amancio, puxando-o para junto de si.

— E não calcula o senhor que talento afirmou a mãe, em voz baixa e grave, estendendo a cabeça para o lado da vizinha: —

Uma coisa extraordinária!

— Já fez uma pose! acrescentou João Coqueiro que nessa ocasião, junto ao aparador, enchiu copos de cerveja.

— Mas coitado! — prosseguiu Mme. Brizard, — não se pode puxar por ele; e, sobre muito do peito! O médico recomendou que não o fatigassem por ora. É preciso esperar que ele se desenvolva mais um pouco.

E pena, disse Amancio com tristeza, afagando a cabeça de Cesar.

Nunca vi uma criatura para aprender as coisas com tanta facilidade. Nada ve, nada ouve, não decore logo! Que não repita um tim por tim tim!

— Sim?... perguntou Amancio, com um gesto cerimônioso de passo.

— E então para a música?... Aprendeu a escala em um dia e já toca variações ao piano... tudo de ouvido!

— E admirável! repetia Amancio, para dizer alguma coisa. Deve estar muito adiantado nos estudos!...

— Ah! Estaria de certo, se pudesse estudar, mas coitado, ainda não sabe ler.

Ahi fez Amancio, sem achar uma palavra.

Mas também, quando principiou...

— Ira longe! concluiu Amancio, satisfeito por ter escutado uma frase. — Deve ir muito longe!

E afiançava que, pela filosofia do Cesar, logo se lhe adinvinha a inteligência.

— Esta ironie não engana! Dizia a suspender-lhe o cabelo da testa.

— E travessa?...

Mme. Brizard soltou uma exclamação. Não lie falasse assim! So elas sabem o capetinha que mal estava!

Cesar baixou o rosto com uma risada, e Amancio declarou que "a travessura" era própria daquela idade!

E, porque o moleque se aproximava com uma bandeja na mão, cheia de copas, ergueu-se para oferecer um a Mme. Brizard e outro a Amelia.

Muito agradecido, disse esta, sorrindo. — Sou um pouco nervoso; a cerveja faz-me mal.

— Ah! V. Excia. é nervosa?

— Um pouco. E quem neste mundo não sofre mal ou menos dos nervos?

E riu de todo, mostrando a sua dentadura provocadora.

Amancio considerou intimamente que a achava deliciosa — Um mimot!

E de fato, Amelia nesse dia estava encantadora. Vestia fustão branco surpresaado de pequenas flores cor de rosa. O cabelo, denso e castanho, pendia-se-lhe no toutiço por um laço de seda azul, formando um grande molho flutuante, que lhe caia elegantemente sobre as costas. O vestido curto, muito costido no corpo, enluvava-lhe as formas, dando-lhe um aspecto de menina que volta ao colégio a passar férias com a família.

Era muito bem feita de quadris e de ombros. Espartilhada, como estava naquele momento, a volta energica da cintura e a suave protuberância dos seios, produziam nos sentidos de quem a contemplava de perfeita deliciosa impressão artística.

Sentia-se-lhe dentro das mangas do vestido a tremula carnadura dos braços; e os pulsos apareciam nus, muito brancos, chamafeados de velatinha sutis, que se prolongavam encantadoras, tinham as mãos finas e bem tratadas, os dedos longos e retilíneos, a palma cor de rosa e as unhas curvas como o bico de um papagaio.

Sem ser verdadeiramente bonita de rosto, era muito simpática e graciosa. Traz macia, de uma palidez fresca de camélia, olhos escuros, um pouco preguiçosos, bem guardados e penetrantes; nariz curto, um nadimão arrebitado; belos polpudos e vírgenes à maneira de uma

fruta, que provoca o apetite e dá vontade de morder. Usava o cabelo coifado em franjas sobre a testa, e, quando queria ver as longas, finhinhas de costume apartar as pálebras e abrir ligeiramente a boca.

Amancio bebendo aos goles distraído a sua cerveja nacional via e sentia tudo isso, e, sem perceber, deixava-a tomar das graças de Amelia. Já lhe presava a carne o mordente calor daquele corpo; já o invadiam o perfume sombrio daquele cabelo e a luz embrigadada das suas olhos já o enlejava e cingia a doce sensibilidade elástica daquela voz, quebrada, curva, cheia de ondulações, como a cauda crepuscular de uma cobra. E, enquanto palavreava abstruído com Mme. Brizard e com o Coqueiro, percebia que alguma coisa lhe apoderava dele, que alguma coisa lhe penetrava familiarmente pelos sentidos e se derramava e desandava, a semelhança de um poço que alonga sensualmente os seus langorosos tentáculos. E sempre dominado pelos encantos da rapariga, alhejava-se de tudo que não fosse ela; queria ouvir o que lhe diziam os outros, prestar-lhe atenção, mas o pensamento libertava-se a força e corría a lançar-se aos pés de Amelia, procurando encravar-se por ela, à felicidade de terceiro vapor do incenso, quando vai subindo e aspirando abraçado a uma coluna de marmore.

Coqueiro fingia não dar por isso e, ao tocar com os olhos da mulher, entre eles corria um raio de satisfação, mais ligero que um telegrama.

Amancio, entretanto, quase nada conversou com Amelia: apenas trocaram palavras frias de assuntos sem interesse. Mas seus olhares também se encontravam no ar, e logo se entre-ligavam, prestando-se e cunfundiam-se no calor do mesmo desejo.

Naquele mulher havia inconscientevelmente o quer que fosse difícil de determinar, que não obstante, se entrinhasse a pelas gentes, e uma vez dentro, crescia e alastrava. O seu modo de falar, as reticências de seus sorrisos, o languor pudico e ao mesmo tempo voluptuoso de seus olhos que espiavam inquietos, através do franzido das pestanas; a docura dos seus movimentos ofídicos e preguiçosos, o cheiro do seu corpo; tudo que vinha dela zumbia em torno dos sentidos, como uma reverberação de cantarídas.

Os instintos mal educados de Amancio latejavam.

Vinhame-lhe preocupações. Comegava a imaginar como seria a sua existência naquela casa, se ele, por ventura, resolvesse a mudança; calculava situações; encontros inesperados com Amelia nos corredores desertos. Manhãs frias, de chuva, em que fosse preciso gazar as aulas e deixar-se ficar ali, a "prosas" naquela varanda, ao lado de lá, a encher o tempo, a dizer "tolices".

Que tal seria tudo isso?... Seria tão bom que valera a pena suportar as cacetadas de Mme. Brizard e sofrer a convivência do tal Coqueiro?... Sei lá!... tão bom que mereceria a renúncia de sua liberdade, tão sacrificada ali quanto em casa do Campos? Não! não valia a pena!... Mais... Amelia?... quem sabe lá o que daria de si aquele ladriozinho?

E pensando deste modo, ergueu-se disposto a acompanhar Coqueiro, que insistiu em lhe mostrar a casa.

Principiaram pela chácara.

— Olha, isto aqui é com vocês!... Dizia o proprietário.

— Boa sombra, caramanchões de maracujás, flores, sítios!... Bom lugar para estar! E vai o fundo. Vem ver!

Amancio obedecia calado. Parece que se está na roça! — acrescentou o outro. — Da manhã é um chilrear de passarinhos, que até aborrece. Quan-

do aqui não houver frango, não encontrará também em parte alguma! Cá está o terraço. Bobo!

Subiram três degraus de pedra e cal.

— Vés?... exclamou Coqueiro, parando em meio do pequeno quadrado de velhos tijolos.

E depois, com as pernas abertas e um braço estendido:

— Creio que não se pode de-sejarm melhor!

Desceram em seguida para visitar o banheiro, o tanque, o repoucho e outras comodidades que havia no quintal, e a cada uma dessas coisas — novas exibições e novos elogios.

Subiram outra vez ao primeirão andar, pela cozinha. Um preto, de avental e bonet de linho branco, à moda dos cozinheiros franceses trabalhava nos fogões. Coqueiro exigiu que o amigo olhasse para aquele assalto; atentasse para a nitidez das cascaias de metal arredado, para a limpeza das panelas, para a farinha da pia na pia.

— A madama, dia-a dia a rir-se, com o ar interessado de quem deseja conversar, a madama traz isso num brinco! Po-de-se comer no chão!

E continuaram a revista da casa. Amancio, porém, na distraída, tinha a cabeça cheia de Amelia.

— Que dentes! pensava, — e que cintura! Que olhos!...

— E' excelente! segredou-lhe o Coqueiro, pondo mistério na voz. Um serviço admirável!

— Hein? exclamou o provinciano, voltando-se rapidamente para o colega.

— Cozinheiros daquela ordem encontram-se poucos no Rio! respondeu este ainda em segredo.

— Ah! o cozinheiro... disse Amancio.

— Divino! acrescentou o outro.

E mudando logo de tono:

— Ca está a despensa. Compramos tudo em porção, do mais caro, mas também podemos ver a fazenda! Tudo de primeirão!

— E' exato, resmungou Amancio, sem ver.

Isto agora só quartos de hóspedes, murmurou Coqueiro seguindo adiante.

— Aqui em baixo só temos o resto.

Neste, disse, mostrando o n.º 1, está o dr. Tavares, um advogado de milha chela; cara-tor muito sério!

No segundo declarou que morava o Fontes.

— Não era mau sujeito, colado! Fora infeliz nos negócios; quebraria havia dois anos e ainda não tinha conseguido levantar a cabeça. E abafando a voz:

— Dizem que ficou arranjado... Não sei! Paga pontualmente as suas despesas, mas é um unha de ferro, regateia muito, chora vintem por vintem o dinheiro que lhe sai das mãos! Está sempre com uma cara agoniada, sempre se queixando. E agora, vai ver... — Furiosamente, com o rosto cheio de fazendas, fitas e têtielas de armário; vendo essas miudezas pelas casas particulares, e dizem que faz negócio. A mulher, uma francesa coxa, é empregada na Notre Dame e só vem a casa para dormir.

E indicando o n.º 3: — Aqui é o piloto.

— Que piloto? perguntou logo Amancio.

— O piloto, homem! Aquele reporter do jornal!

Amancio não conhecia.

— Ora quem não conhece o Piloto! Um rapaz tão popular. Um que anda sempre muito li-

geiro, olhando para os lados, aos pulinhos, como um calango. Não conhece?

— Amancio disse que sabia quem era, — para acabar com aquilo.

— Bom hóspede! acrescentou o outro. Também só aparece à noite. Não incomoda pessoa alguma.

Bem disse Amancio com um bocejo. São horas de ir me chegando.

— Que? Bradou Coqueiro. — Tu jantás conosco! Minha gente conta contigo... não te dissemos! E demais, quero mostrar-te o resto da casa. Vem ca an, an de novo andar.

O provinciano lembrou timidamente que Isto podia ficar para outra ocasião. Mas o Coqueiro respondeu puxando-o pelo braço em direção da escada. Vem para cá! Não sejas preguiçoso!

Depois de subir, acharam-se em um corredor estreito e apertado pelo teto. Ao fundo uma janela de grades verdes coava tristemente a luz que vinha de fora, lá-sa as portas, em algarismos azuis, pintados sobre um pequeno círculo branco, em na. de 4 a 11.

Aquilo tinha aspecto de casa de saúde... pensou Amancio, com tédio.

— Não devia ser muito agradável morar ali. Todos os quartos, entretanto, estavam tomados.

Coqueiro principiou logo, em voz soturna, a denunciar os competentes moradores: — n.º 4. O Campelo, um exquitado, parem bom sujeito, do comércio; não comia na casa senão nos domingos e isso mesmo só de manhã. N. 5. O Paulo Mendes e a mulher: casal de artistas, davam lições e concertos de piano e rabecas; bom moço, tinha o quarto sempre muito asseladinho e, à noite, quando voltava do trabalho, estudava clarinetes. O n. 7. era de um pobre rapaz português: doente, vivia embrulhado em uma manta de lá, por cima do sobretrado, e saía todas as manhãs a passar para as bandas da Tijuca.

A porta do n. 8 estava aberta e Amancio via, de relance, a cauda de uma saia que fuzia para o interior do quarto. E logo uma voz afiada de mulher, gritou:

— Coral! fecha esta porta.

— E' uma filha Lucia Pereira... segredou o Coqueiro — mora ali com o marido, um tipo!

E lavavam na casa há muito pouco tempo. Coqueiro não podia dizer ainda que tais seriam, porque só formava o seu juizo depois de pagar a primeira conta.

O n. 9 era do Melinho, uma pérola! Empregado na Caixa de Amortização; não comia em casa, mas às vezes, trazia frutas cristalizadas para Mme. Brizard e Amelia. Belo mogol!

Coqueiro não se lembrava como era ao certo o nome do sujeito que ocupava o n.º 10. — Latemba ou Latembrosa, uma coisa por ai assim! E tinha o nome escrito lá em baixo. — Mas que homem fino! Delicadíssimo! um verdadeiro gentleman! E tocava violão com muita talento!

O n. 11 que ficava justamente encostado a janelas do corredor, pertencia a um excelente médico, o dr. Correia: estava por aí, quase sempre fechado, visto que o doutor só se utilizava do quarto para certos trabalhos e certos estudos, que, por causa das crianças, não podia fazer em casa da família. Vivia às vezes com frequência e às vezes não aparecia durante um mês inteiro; mas pagava sempre, e bem.

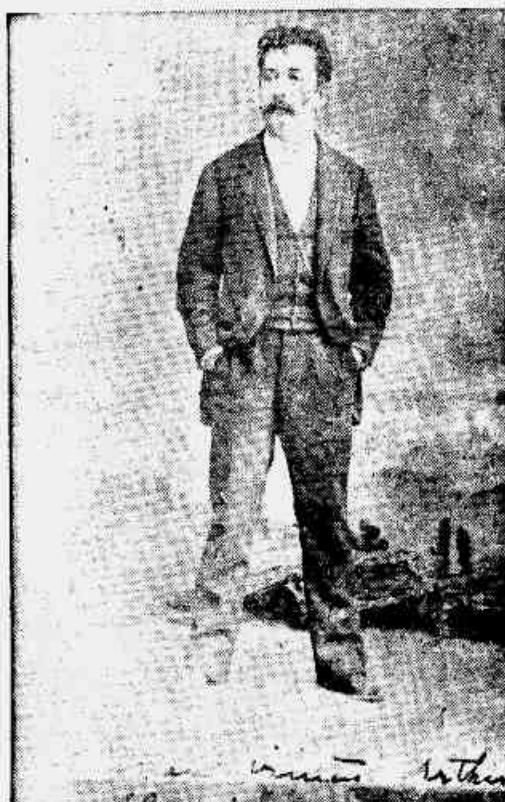
Esse quarto, como o outro que ficava na extremidade oposta do corredor, tinha sala para a chácara. Amancio propôs ao Coqueiro que descessasse por ali.

— De sorte que foi lhe dizen-do este pela escada. — À mesa só temos diariamente os seguintes: Dr. Tavares, o Paula Men-

(Continua na pág. 173)



Retrato de Aluizio Azevedo, em sua uniforme militar.



Retrato de Aluizio Azevedo, com dedicatória do seu irmão Artur.

Pensamento de Aluizio Azevedo

COMPENSACOES — Tudo neste mundo tem a sua consequência, o seu séquito próprio de misérias, o seu acompanhamento natural e espontâneo — a glória tem a vaidade; o amor é egoísmo; a podridão e verme.

E' a lei fatal dos contrastes e dos extremos torcados: não há sentimento que não tenha uma extremitade na terra e outra no céu, um pé no berço e outro no túmulo, um olho na luz e outro na treva.

Correspondência de escritores:

Carta de Aluizio Azevedo a Lucio de Mendonça

La Plata, 3 dezembro 1900.

Meu bom e querido Lucio — Deu-me grande satisfação a tua amável cartinha de 8 do passado, pela qual fiquei sabendo que chegarás bem de regresso à nossa querida terra, onde naturalmente já estarás a estas horas descansado afinal dos banquetes, bailes, corridas e espetáculos de todo o gênero, com que a gentileza argentina estrompou a pobre constitiva presidencial de que fazias parte. (1). E terá, com que regalo! substituído à tua mesa íntima os confraternizadores "foles grãs" e as internacionais "mayonnaises" pelos nossos democráticos e saborosos quitutes brasileiros, entre os quais a aliança do camarão com o quimbobé produz, a meu gosto, resultados ainda mais felizes e harmoniosos do que a desejada aliança entre Roca e Campos Salles. — Onde não pode haver sombra de aliança, nem harmonia qualquer, é entre este platônico consulado e o espaventoso e prático meio em que ele funciona. Esta minha nomeação foi uma vitória de Pyrrhus: ela só podia convir a um homem rico, pois os proveitos de tal emprego estão na razão perfeitamente inversa das exigências sociais de La Plata, maximamente para um brasileiro, e da escandalosa carestia da vida argentina. E tão crítico o meu aperto que, para te arrancar a doce ilusão de que é o "maior maltratado do mundo", como pretendiosamen-

ta insinuas em tua carta, vou mostrar-te, por minha vez, o que é saber ser maltratado e achaço por cima impertinente, chocalho e pedincharia, encartando, nesta resposta a um missivo de pura cortezia, nada menos que um pedido de empenho para os altos poderes a cuja orbita pertences. — Ouve, meu Lucio, e dirás depois qual de nos dois é o mais maltratado: O nosso amigo Cyro de Azevedo, impressionado com a minha posição aqui, deseja há muito tempo melhorá-la, e agora, sabendo ele que vão vagar infalivelmente dois consulados simples, mas efetivos e de vencimentos fixos, um no Porto e o outro em Salto, escrevera logo ao meu ministro, dr. Olinto de Magalhães, pedindo-lhe que me nomeasse para uma dessas duas vagas, dando preferência à do Porto, porque isso, segundo a opinião trágica do solitário, traria a vantagem de poder eu imprimir lá o meu liríco já pronto sobre o Japão. — Ora, o Olinto é bom rapaz e já tem declarado a várias pessoas a melhor vontade meu respeito, mas, como ministro, não gosta de arriscar o menor passo, sem previamente saber por onde é do gosto do presidente que ele ponha o pé, e, se eu não tiver a um amigo capaz de estabelecer a indispensável corrente de simpatia entre aquelas duas vnitades, o pedido do Cyro cairá no arquivado das boas intenções de que não está calcado o paraíso. —

Pois bem, o que eu desejo merecer da tua ativa e fecunda amizade e da tua bondade, e que, ou seja diretamente, ou seja por intermédio de algum dos nossos mais válidos amigos, o Quintino, por exemplo, me arranje o propício campo para o pedido do Cyro, e consolas tirar-me desta argentina cruz, onde estou crucificado à minha própria cesta, pois que o governo nada me deu para a viagem, nem o pseudônimo constitui me daria para viver. Se conseguires a minha nomeação para o Porto, ou para o Salto, far-me-á o melhor obsequio a que até hoje tenho aspirado em minha vida. Não há tempo a perder; se me quiseres salvar — mísias à obra! — Vou escrever sobre o mesmo assunto ao almirante Pinto da Luz, isso porém de nenhum modo deve entregar a vontades que por ventura te inspire eu de me socorreres, e se te declarar essa minha intenção é simplesmente porque tal franqueza me parece mais regular. — Desculpa-me a incorrecção desta, tendo em conta que os afoigados não se pode existir, quando bracejam amigos, o rigoroso cumprimento das regras do bom tom. — A acode-me! —

Aluizio Azevedo.

(1) Lucio fizera parte da comitiva do presidente Campos Salles, o qual fora à Argentina retratar a visita que fizera ao Brasil o presidente general Juárez Roca. Lucio era amigo íntimo de Campos Salles.

Duas poesias de Aluizio Azevedo

SELOS

A Rodrigo Octavio

Pediste selos... Pois selos
Texitis os que apetecezes,
Encarnados, amarelos,
Argos, e rosas, e verdes;

Té-los-eis grandes, pequenos,
A faltar postos à escolha.
Uns melhores, outros menos,
Uns velhos, outros em folha.

(Mandar prefiro os antigos,
De velhos, cansados povos,
Pois os se's os, como amigos,
Mais valem velhos que novos).

Té-los-eis dos mais legítimos
Desde o tempo dos Henriqueis,
Em Reis, Centavos, Céntimos,
Em Chilings e em Peniques;

Té-los-eis com vários bustos;
Té-los-eis de vários anos,
De imperadores vetustos
E chefes republicanos;

Rostos de moços e velhos,
Que humildes povos incensam
E de importantes fede-hos,
Que já reinam einda não pensam;

De rainhas primitivas,
Que a nós só constam de História,
E doutras que estão bem vivas,
Como a Rainha Vitória;

De Colombo e sua roda,
De Santo Antônio e do Papa,
Pois, depois que o selo é moda,
Já ninguém ao selo escapa.

Apenas recebo, amigo,
Que, à força de mandar selos,
Fique eu doido, e vós comigo,
A força de receber-los?

Vigo, 14 de junho de 1896.

Nós éramos três a bordo,
O marido, o outro, e eu;
A mulher, se bem recordo,
Ficara em Montevideu.

Quando a saudade da ausente
Apertou mais forte aos diais,
Fizeram-nos seu confidente,
Um primeiro, outro depois;

Tristezas e desconsolos,
Anéis de toruar a ver,
Ou coisas de virar miolos
E por o sangue a fervor;

Tudo, tudo uns meus ouvidos
Velo ter, por entre ali
Mais ou menos compungidos,
Quer legais, quer ilegais.

— Ai que santa! — um me dizia,
E o outro: — Que mulherão!
E eu por fim também gemia,
Mas por diversa razão.

— Tão divinos são seus modos,
Que ao beijá-la, ali penso em Deus!
— Do mundo os pecados todos
Não valem um beijo dos seus!

— Da vida daria em cabo,
Se Deus a chamasse a si!
— Daria uma perna ao diabo
Para a ter um instante aquil

Eu nos dois confortava
Com frases de igual ardor,
Do evangelho a um falava
Palavras ao outro de amor.

Que infeliz marido ausente!
E o outro? Inda mais talvez...
Mas eu era certamente
O mais infeliz dos três!

Nápoles, 1908.

Pensamentos de Aluizio Azevedo

A PAIXAO — A verdadeira paixão é selvagem, grosseira e crua, porque é delicadeza, a bondade e a sociabilidade são virtudes do homem ou meus amigos. A paixão é um sentimento anti-silêncio, criado pela natureza. O amor saiu definitivamente da boca de Deus para o coração do homem — é para o único ponto de contacto com o incierto. Esse verbo eterno não conhece leis, nem pátria, nem anhão, como não conhece soberania nem variedade, é um, único e eterno: — é o verbo ser da natureza. Deus criou o para o mundo e não para o homem — este como a terra, o réptil como o passarinho, nascem da mesma forma.

O SONHO — Vezes há, que durante o sonho, a despeito da nossa honra, roubamos, a despeito das nossas coragens, choramos aos pés de um inimigo, e a despeito do nosso amor, matamos o próprio pai ou irmão. E o — eu — independente — arbitrio dos sonhos faz-nos caprichosamente assassinios, bárbaros e covardes, sem por isso ter nenhuma responsabilidade em estúdio.

IMPRENSAÇÕES — O ar sempre transmite a quem o respira o carácter do lugar em que se encontra, como no leite a amamentante à criança que amamenta, todos os seus males fizem e morais. Para fazer um homem mau é bastante obrigar-lhe a respirar com os maus.

O RISO — Os labios sempre querem rindo, quando os olhos acham quem o coração procura.

O REVOLTADO - COELHO NETTO

Os mais íntimos de Aluizio — e eu tive a fortuna de ser um dos — sempre estiveram que homem tão bem dotado — um apalhoso; belo, robusto, competente de atleta e mente esclarecida, de uma formidável capacidade de trabalho, metódico como um astro, — fosse o mais árido dos céticos, o mais indiferente de todos os artistas do seu tempo.

Nunca nele senti o entusiasmo, nunca o vi vibrar de emoção sobre um período que lhe salasse da pena agil. Tudo fazia a frio, sem a exaltação, que, de certo modo, compensa o sofrimento com que a Arte tortura aos que make a servem e os vitimam.

Lembro-me do tempo em que, para escrever "O homem", andando a procura do "documento humano", ele frequentava estalagens, lá as pedreiras familiarizando-se com cavaqueiros, comia em casa de pasto, à mesa ruidosa dos trabalhadores, conversava-os estudando-lhes o tipo, os costumes, a linguagem, surpreendendo-lhes os instintos, rindo com eles, a larga, retratando-se comovido quando os via acarinhados.

Saiu cedo e lá ia à faixa. Regressava à noite cansado, aborrecido e, atirando à mesa, a sua grande e sempre ordenada mesa de trabalho, as notas que tomara, despia-se às pressas corria ao banheiro para tirar de si o cheiro "do suor honrado".

E mostrando, com desprezo, a papeada cheia de garabatos.

— Eis o meu dia. Tenho ai material para dols ou três capítulos.

Não falaria com tanta indiferença um tenhedor que valesse do mato com uma carrada de troncos ainda vertendo seiva e empilhássela na era.

Aluizio considerava-se um "malogrado":

"Escrevo por força da fatalidade, como claudicaria, se houvesse nascido coxo: impulso de genitura, não de ideal. E' o destino que me aferra a esta mesa, que me debruba sobre estas tiras. Assim como escrevo um episódio ou uma paisagem desenvolvendo um diálogo, cortaria pegar das fazendas ou marinas de carne seca se tivesse vindo fadiado para o comércio. Vim consignado às letras e aqui estou, fadido. A encéade não admite vadios, todo homem tem de dizer a que veio, que faz, como e para que vive. Eu, a talas perguntas, respondo com o primeiro il-

— Mas tu não tens razão de queixa. As letras foram-te sempre propícias, desde a tua estréia, no Maranhão, com "O mulato". Surgiste com Minerva: armado e vitorioso.

— Pois sim, reportava ele, encolhendo os ombros largos: vitorioso como Pyrrho, com os meus elefantes de papel. O resto é que é. Escrever para que? para quem? Não temos público. Uma edição de dois mil exemplares leva anos a esgotar-se e o nosso pensamento, por mais original e ousado que seja, jamais

se libertará no espaço amplo: veja entre as grades desta gaiola estreita, que é a celebrada língua dos nossos maiores.

"Carmós se houvesse escrito em francês, o português típico do Renascimento não seria a "Divina Comédia" e sim os "Lumídas". E que é, em verdade, essa obra prima? o monunento de um povo, quando podia ser o padrão de toda uma era, tão só porque foi fundido no metal pesado e tão arrevesado à cinzeladura que só se presta, quando muito, à obra de macha martilho. Escraver, para que? para quem? Semelhante a molas furtadas, mas o solo, quando não é pedregoso, é de malo bravo e a sementeira mirra ao abandono ou perece sufocada: indiferença ou analfabetismo.

"Dão-me as letras para viver, mas eu é que sei como vivo! Digo-te apenas que no dia — que, aliás, não espero — em que conseguisse alguma coisa que me garantisse o teto e a mesa, deixava de mão pena, papel e tinta e todas essas barulhadas que só tem servido para incompatibilizar-me com o clero, a nobreza e o povo. De letras estou até aqui! Os editores enriquecem com os fazendeiros de outrora: à custa dos extravos, O Garnier, por exemplo: dizem-me que tem milhões e dá-me seiscentos mil réis chorados pela edição de um romance. O meu ideal é um emprego público, coisa al como amanuense ou escriturário, com vencimentos certos".

Felix ou infelizmente teve o escritor mais do que desejava, não tão cedo que nos privasse da riqueza das suas obras, mas, assim, prematuramente, porque muito mais nos poderia ele ter legado para orgulho nosso e glória maior do seu nome, se o governo, atendendo ao seu mérito e às suas constantes requestratas, não o houvesse despacificado consul.

A Aluizio falava sempre o estímulo da Esperança que, apesar de mentirosa, é quem nos conduz, a nós, homens de sorte, é quem nos alegra, quem nos ampara nos desfalcamentos, quem nos ajuda a carregar a cruz no topo da qual está inscrita a palavra: Glória. Ele não a conhecia e quando lhe falavam em laureis sorria ironicamente passeando pela sala a largas passadas, de mãos nos bolsos das calças, cabeça baixa, fumando o seu cachimbo de cerejeira.

Não contava com o amanhã. Vivendo dia a dia, encerrava o seu expediente dentro das vinte e quatro horas, recomendo sempre, como o sol.

— Porque não havemos de ter uma luz fixa, querer dizer: um capital, que nos garanta o conforto indispensável à vida? Vendemos um livro por uma numbraria e o produto val-se num instante. Caminhamos ao clarão efêmero de relâmpagos: um segundo de deslumbramento e meses de escuridão. E é isto a vida literária! Futuro! Que futuro pode ter uma obra escrita na areia da praia, com os cárpicos de Anchieta? Tivesse eu certeza de que uma só das minhas páginas viveria e ficaria contente... Mas não se vive em túmulo e o português... Não vale a pena, Aluizio, — E's pessimista, Aluizio.

— Um revoltado é o que sou. Se eu descesse à costa em umailha deserta, como Robinson, e achasse meios de escrever, escreveria e com mais certeza de ser lido no futuro do que escrevendo aqu... em português. Não vejo vila no horizonte desta língua, nunca vi! E alongo os olhos desesperadamente com ansia de salvagão...

O que resta do céltico si está a quem o arrancou do exílio, quem o trouxe pelos mares do sul, e o vai acompanhar, ao longo dos creus do Norte, até a sua terra natal, que é também minha, é essa mesma Glória que ele preferiu pelo conforto (?) de um convidado, no qual se entregam de corpo e alma.

Sempre me pareceu que ele falava sinceramente, quando depicava o seu destino despresando a pena e a língua que ele tanto elevou nas suas obras.

Hoje, porém, estou certo de que, desde que ele assumiu o seu cargo em Vigo ou em Cardiff (não sei bem por onde começou) teve saudade do seu canto de trabalho e dos dias difíceis que viveu como simples mercador de sementes.

O que o visitaram nos últimos tempos notaram-lhe os modos desprazados, o vis sombrio, e crises longas de melancolia. "Está neuro-ténico", diziam.

Pobre Aluizio! O que ele tinha era saudade da sua Arte e, talvez, remorço do que disse da língua na qual, escrevendo aos amigos, recordava a pátria, desejoso de revê-la, de nela ainda viver à sombra das suas árvoreas, sob o azul do céu dourado pelo sol que ele decantou n'"O homem".

E ele ai na urna do Tempo, não inerte, como estão no atardecer os despojos do seu corpo, mas em espírito, energético e vibrante, graças à essa mesma língua que ele tanto detestou em vida e que o levanta da morte em ascenção gloriosa.

9-10-1919.

Pensamento de Aluizio Azevedo

O SOL E A SOMBRA — Todo e qualquer obstáculo, por mais mesquino e miserável que seja, produz uma sombra relativa. Subtraíram todos os mundos, todos que o firmamento fixe um nada infinito. Então deixem brilhar unicamente o sol, isolado e egoísta. Se ele e a sua luz a perder-se pelo nada. — Não se pode certamente julgar mata completa e inteira luz; pois bem, tragam depois um grão de areia, um só! coloquem-no defronte do sol e será perturbada essa imensa pureza da luz! Um mesquinho grão de areia contra a enormidade da luz do sol! Todavia o grão da areia será uma sombra!



Retrato de Aluizio Azevedo, quando, no Rio, escrevia seu romance.

RECORDANDO... - AGOSTO A PENSÃO DE MADAME BRIZARD -

(Continuação da página 189)

A Academia Brasileira hospedou carinhosamente por três dias os ossos de Aluizio Azevedo, vindos de Buenos Aires, e já a esta hora devotíssimos ao marido, que os há de transportar ao seio maternal da terra paranaense.

Contemplando entem a urna que o encerra, coberta de flores, tornado objeto de culto e amor naquele recinto, que um altar de circos acenos santificava com um encantado, eu senti despertar no fundo da minha alma a memória do primeiro encontro que tive com o cravo d' "O Homem".

Foi em maio de 1888.

Vindo do interior, em rápido passo ao Rio, aqua aíhei Raimundo Correa, o companheiro inseparável da minha vida acadêmica, o qual me convidou a visitar Aluizio. Hesitei a princípio por timidez, supondo que o romancista, em plena voga literária, acalmado pela impressão, consagrado pela critica, não teria para com o provinciano senão essa benevolência irônica, evitativa e rápida que os grandes homens preconizam dispensam aos impertunos. Raimundo insistiu, rindo-se ao meu enigma, e acrescentou:

Tu não fazes ideia da vida literária aqui. Vés todo este avanço em torno do último livro de Aluizio! Imaginas logo um Apolo, de gesto o imóvel e olhar desdenhoso. Puis, meu cara, vais ver o templo mudar e se deus, que tanto recebes ver, cria as maravilhas da sua arte.

Fomos. Aluizio Azevedo morava no segundo andar de um casarão na rua Formosa. Subimos uma complicada escadaria, cujos degraus estavam gastos no meio pelo trânsito de muitas geraceões. Na loja, havia um edredor. Raimundo levou-me por ele, até penetrarmos num salão, iluminado por largas janelas que abriam a perspectiva para um extenso panorama da cidade. Esse vasto comôdo entreaberto, não era ocupado senão por uma cama sem roupa branca, tendo apenas a cobrir um cobertor vermelho, e por uma pequena mesa de pinho suportando uma estante de porcos vivos. Aí não serem estes, nem um outro móvel se oferecia à vista, além de um caixote, que servia de mochila, e um bloco, atrás do qual se refugiara o romancista, para não ser surpreendido por nós em traje absolutamente negativo.

Entrem e sentem-se, que já vou.

Era estava maravilhado, e no meu entusiasmo juvenil, arreco pela leitura de "Vie de Bonaparte", de Mürger queria já bem a Aluizio, antes de o conhecer, por me poupar o constrangimento de uma visita cerimoniada. E um homem superior, pensava eu comigo, no meu orgulho de roceiro.

Afinal, apareceu o Apolo desejado, surgindo de trás de um biombo, com um admirável costume de frade azul, talhado por alguma das melhores alfaiates do Rio. Aluizio estava deslumbrante.

Os cabelos artisticamente raspados, o rosto escanhado (e que formava rosto, e não que os olhos suaves!), todo o corpo irrepreensivelmente elegante, a terminar por um par de botas de verniz novo, com reflexos de luz. Eu me senti humilhado no meu terno novo, vestido pelas primeiras vez, contrari instintivamente as mãos, amparando os punhos que me pareciam iam cair das mangas; pensei que a gravata estava torta e a sair pelo colarinho e que Aluizio notava a desordem do meu todo. Não durou, porém, muito o meu suspense, porque Aluizio foi logo dizendo:

— Desculpem-me, aparecer neste rigor, porque é o único termo que posso, não tendo vindo da lavadeira a roupa com que ando em casa.

Estava feita a intimidade. E

comecei-me visse atento para uns pequenos bonecos de papelão, entrelaçados sobre a mesa, expostos.

— Ali está o meu próximo romance. Se faltá fazer mover, animado, tudo aquilo, que já me é familiar. Aquela menina é adorável; aquele tavernero, um bruto; este rapaz, um idiota. Já fiz as minhas relações com todos. Deixei-os por hoje, que aí me perdiste aos dois poetas que me visitaram.

Saímos os três: juntos passamos o resto do dia e, ao anochecer, jantamos no Hotel Manzini. Parece incrível, mas é verdade, que a nossa palestra na mesa, por mais de uma hora, nunca descesse do puro assunto literário, em que Raimundo Correa recitava passagens do livro de Aluizio e este versos daquela, tudo oivado por mim com um embriaguezento, de que até hoje sento-me mais comovida da saúde.

Do Mangal fomos ao Café de Londres, onde encontramos a Amancio, para o passeio da noite, um ou dois literatos.

An passar pelo Garnier, salto à nossa frente Paula Ney, que, depois de raudos cumprimentos, se encorpou ao bando, já então aumentado no Souto de Souza Junior, Valentim Magalhães e Guimarães Passos. Corremos os braços, sem nos darmos em nenhum. Afinal fomos todos cejar a "Maison Moderne", onde já encontráramos Artur Azevedo, José do Patrocínio e os mais jovens de todos, Osorio Duque-Estrada e Coelho Neto.

Os céis últimos, que são os únicos vivos desta crônica, não de estar imberdos do que foi essa noite de esplêndores do espírito, de exuberância de vida, de tocenta solidariedade na esperança e nos sonhos, que nos pareciam entregar o futuro e o universo, representados na tara de Hebe em que todos bebiam.

So a glória preocupava aquele je fez, com nenhum, quarto louvo pelo número e pela felicidade concordância das circunstâncias.

— Um brinde de joelhos! propôs Paula Ney: a Ferreira de Araújo, cujo espírito paira sobre as nossas cabeças. Aluizio beijou chorando o enternecido boêmio.

Estava terminada a festa, como tudo vai terminando... para os que dela restam.

11-10-1919.

Pensamentos de Aluizio Azevedo

UMA MULHER. — Uma mulher é sempre uma ilha desconhecida.

A VIDA — Que mais é o noso viver nesta espécie de mundo, senão uma ilha entre dois mares — o passado e o futuro? Dois mares isolados e obscuros que fecham uma hipótese, chamada presente. Ontem sandarias nebulosas: hoje — mentiras e esterilidades; amanhã — sonhos mal contornados. Eis a vida!

*

O DOMINGO — Só pode ser verdadeiramente apreciado o domingo por um artista, um operário, um estudante ou qualquer filho legítimo do trabalho e que a este dedique toda a semana. Os amados da fortuna e bestardos do suor, que vivem casualmente dos seus calados rendimentos, teem sete domingos na semana e não conseguem consequentemente o melhor e mais legítimo dos prazeres — o descanso. Para poder descansar é preciso principalmente uma coisa — cançar. Do que se conclui que o domingo existe e pertence exclusivamente a quem ocupa utilmente os outros dias.

(Continuação da pag. 189)
des, e a mulher, a Lucia e o marido, e o tal sujeito de nome exposito. Só! Aos dominios então, fica-se em compita liberdade, porque jantam fora quase todos.

Ves, pois, que em parte al-

guma estaria melhor do que aqui...

Mas filho, observou Aman-

cio. — Teus quartos estão to-

dos ocupados...

O outro respondeu com um

risinhos. E, depois de ligeiro si-

lenço, passando-lhe um braço

nas costas:

— Tu aqui, não quero que se-

jas um hóspede, mas um amigo,

uma espécie de meu irmão.

compreendes? São dessas coisas

que se não explicam. — questão

de simpatia! Conheceremos-nos

de ontem e é como se tivessem

os dois criados juntos, em man-

tos contar com um amigo

para a vida e para a morte!

E estacando, defrota de

Amancio, olhou para ele muito

serio, sigrando em tono grave:

— E acreditas que isso é mui-

to raro? Pergunta ai aos meus

colegas se sou de muitas amizades, todos elas te dirão que

ninguém há mais concentrado e

metido consigo. Mas, quando

simpatizo de veras com uma

pessoa, é assim, com vés tra-

go-a para o seio da família e

descendo-a como irmão!

E descalço no tom primitivo

da conversa: — Só! Deste avô

como espero, verás com o tempo

hein?... disse o outro.

a sinceridade do que te estou E que gostei de ti. Acabou-se.

Amancio jurava corresponder

aquela amizade, mas, no inti-

mo, ria-se do Coqueiro, que ago-

ra lhe parecia tolo, e cujo ca-

samento com a francesa ve-

lhesca tornava, a seus olhos,

cada vez mais ridículo.

Ao passarem pelo salão con-

cordaram que aquilo era um

excelente lugar para uma "boa

prova".

Amancio teria tudo isso às suas ordens; podia dispor... acrecentou o outro. E abrindo cuidadosamente a porta do gabinete, que ficava ao lado, disse com a intenção de um guarda de museu que vai mos- trar uma raridade:

— Eis o ninho que te destino! E' o lugar mais catifa de toda a casa; isto por mim, não quer dizer que os outros comedios não estejam à tua disposição!... Se mais tarde, te apetecer trocar de quarto...

E logo que entraram, foi lhe mostrando a comina cheirosa, o pequeno lavatório de pedra marmore, feito de pedra marmore, com a esperada sobre aquela mesa.

De manhã, se quiseres e ente-

res, aí estás tu com tua

camisa, também terás o teu

café e, quando estiveres abra-

cido do quarto, tens o teu

banho, tens a sala de jantar, a chácara,

bás de encontrar-lá à noite, com torcidas,

à tua espera sobre aquela mesa.

De manhã, se quiseres e ente-

res, aí estás tu com tua

camisa, também terás o teu

café e, quando estiveres abra-

cido do quarto, tens o teu

banho, tens a sala de jantar, a chácara,

bás de encontrar-lá à noite, com torcidas,

à tua espera sobre aquela mesa.

E ali, o grande mestre! ex-

clamou com ênfase, apontando

para a gravura da parede:

— Victor Hugo!, leu Aman-

cio devolto do retrato.

— Bom poeta! acrescentou

Creio que não fizeras mal,

que é o que eu queria.

— De certo! apressou-se a de-

clarar o outro, com estribo.

— Sim! Sabes que isto é tua

casinha de família e, para um bom

mortal...

— Mas, certamente, respeitavelmente, repetiu Amancio.

E acendeu um cigarro.

(CASA DE PENSÃO)

Um documento precioso da história literária

Proposto que a Mesa da Academia Brasileira se extenda com o Abertura das Relações afins de que I. E. prorrogasse, como autor for, os efeitos de sua fundação para o Brasil os restos mortais do romancista Aluizio Azevedo, falecido em Buenos Ayres, onde exerceu as funções de consul Agassiz, por gentileza do governo argentino, em um jazigo do cemitério da Recoleta, a tempo de que os mesmos agradecem a profunda generosidade, desoccupando de um tapete a terra alca, restituindo ao solo mortal — que resto de corpo de corruptos fósseis, que fosse dos ossos mais queirosos, compreendendo a que seio, em todo o tempo, cessa das suas grandezas glórias de Pátria.

Já das vésperas 11 de Março de 1916

— Antônio Neto

Roberto Góes

Luiz Gonzaga

Santos Dumont
José Bonifácio de Andrada
Silviano Santiago
Silviano Santiago
Silviano Santiago
Silviano Santiago

Fac-símile da proposta, redigida por Coelho Neto e assinada por vários acadêmicos, para que a Mesa da Academia interessasse junto ao Iamato, assim de serem transportados para o Brasil os restos mortais de Aluizio Azevedo.

A obra de Aluizio Azevedo -

Alcides Maya
(Da Academia Brasileira)

Se o romantismo repeliu em sua natureza tropicais vultos e personagens do europeu, também os nossos naturalistas importaram-nos franceses psicologia e críticas.

Quando, em 1880, editou "O Mulato", romance de tese, correndo simultaneamente no espírito de reforma realista, que o assaltara a língua portuguesa nos inquéritos ironicos da sua obra, no problema absorvente da "sociedade negra", a golear para a sociedade brasileira por suas feridas e náuseas da vida, o escritor marron insinuou esperanças de que com o tempo o grande anacista da nossa gente, que no Rio, para onde o exílio excepcional do autor e fôrmoso volume, publicados de varia maravilhosas, româncias, contos, folhetins, resolva dar à obra um caráter geral, o fundo de livros serrados, para que os leitores se ligassem a nacional, espalhando-a trabalho, que teria por "Brasileiros antigos e novos", constava de cinco tomos amoldados à "Casa de Pensão", "O Cortiço", "A Brasileira", "O Pele", "A Loureira" e a "Bola

Mulata", inseriu-o "A Semana", cujas colunas o divulgou próprio autor, o principal no tempo da decadência e posterior período de 1885 ou talvez mais cedo, quando contava que estes 2 ou 3 ou 4 livros não vividos lhe formaram uma essa política de previsões para fecho de trabalho. Tenciona pintar épocas distintas, durante o Brasil se vai transformando até chegar, ou a um desmoronamento político social, ou a uma comemoração de costumes, ou a pella revolução. O principal romance "O Cortiço", que ver um colono analfabeto que de Portugal vem com a mulher trabalhar no Brasil, trazendo consigo uma filhinha de 10 anos. Esta criança vem com "menina do cortiço", um tipo mais acentuado da qual será levado imediatamente a um tipo novo, o de vendeiro amancebado e a "preta". O colono deixa a terra por uma mulatinha, e novo enlace surgem o "adão" e a "Loureira"; parte deste grupo o tipo do "ídolo", o pae avô do escrivão, que mais tarde é de muita força, aliva os eleitos. Ligado a este chefe de família está um tipo que se junta com ele: o antigo Cavaleiro do Estado, politico formado durante a menoridade do d. Pedro II e graduado em seus serviços à causa da sua milícia. Do Conselheiro nasce a "família brasileira", composta de quatro filhos: a saber: o chefe, Conselheiro de cinquenta e tantos, conservador e lirico; a esposa deste, senhora de quinze, muito apaixonada pela "família dos Girondinos" de Lacoste, sonhando reformas levantando não ser homem a devolver o que ela julga de ambicioso política seu espírito; a filha, moça de vinte anos, prática e intelectual, vendendo sempre as colinas prisas das comodidades e conveniências sociais; o filho, rapaz de dezenas, presumido filósofo e muito convencido de que está se tornando toda a ciência de Augusto Comte.

Sobre esta família que tem de tudo: o Felizardo e a Loureiro e nessa família que a Loureiro vai buscar o amante, o filho de dezenas anos, a quem não valera toda a teoria científica de Comte e Spencer, que dará um dos bilionários da "Bola Preta", enquanto que o

Felizardo, conseguindo casar com a filha do Conselheiro e conseguindo, uma vez rico, fazer carreira política, vai influenciar nos destinos do Brasil e comprometer a posição do marquês, como se verá no último livro...

Cortemos a citação: semelhante família seria, afinal, nos tropicos, um ramo pitoresco da árvore genealógica dos "Bougon-Macpart".

O documento é preciosissimo, porque ilumina sem artifício, com a verdade de uma tira ainda umida de tinta, arrancada à pasta íntima do artista, os propósitos, os processos, as idéias, a visão estética de Aluizio Azevedo e da sua roda.

Na execução o escritor encarna, desenvolveu ou restrinjo o projeto. A "Filha do Conselheiro" passou a chamar-se "O Homem", "Pombinha" substituiu a "menina do cortiço", no desenrolpe de um papo modificado, o político do Império, revolucionário em Minas, conservador nos últimos dias da Monarquia — e lirico da Modernidade a Propaganda — militou-se a aíreas de passagem do "Cronista" a figura alta de aristocrata colonial, ao lado da loureira, convertida numa histérica, e presumiu o filhinho comunitista tornou-se um manoso rapaz, formado em medicina, e a teoria dos capodócios e capoeiras resumiu-se, sem complicações políticas, num admirável estudo de costumes. Mas a partir desse esboço, e não citando os livros em que, por desastre, o escritor se colocou entre Walter Scott e Ponson, todos os romances de Aluizio, com exceção do derníssimo, o "Livro de uma sogra", item a chancela do "romismo". O que, sob a influência do mestre, ele pretendeu analisar não foi a formação, foi a dissolução da família brasileira, limitada a certos usos, tipos e aspectos da antiga Corte. Assim, após a deformação optimista ou sentimental da sociedade pátria, pelos românticos, tivemos a deformação pessimista, carnal, nos livros de Aluizio e das que o imitaram. Nas peças que correspondem ao referido plano, há apenas a preocupação da cotidiana, o apanhado minucioso de hábitos individuais pintados à vista, e de vícios, enfermidades, e crimes expostos com espírito clínico ou judicativo. Em todas patenteia o autor poderoso talento, prejudicado não tanto pela técnica realista, quanto pelo espírito da escola, — inclinada às brutalidades do instinto e ao predominio do mal. São relatórios dialogados, em que numerosos lances de soberbo refejo artístico revesam com outras iguais a peças de processo e a tabóteas hospitalares. Imaginemos um momento que "João Coqueiro", na "Casa de Pensão", não houvesse assassinado a "Ananêlo", após a absolvição deste pelo juiz, sem o desfecho dramático, imprevisto, que é a cena "menos intransigente" do volume, pois, em suma, desmente o passado de que explorador da irma e da mulher, o livro não merecia de romance, seria uma simples crônica bem animada e escrita com esmero. No "Homem", a situação presumbivel, um amor entre irmãos ignorantes de sua gerundade, leitão transformado Aluizio, merecendo naturalismo, em extensa comunicação de misticismo sem a beleza dos sorrisos de "Magda".

Apesar disso, quantos diagnósticos e receitas "O Cortiço" é o mais perfeito dos seus romances. Vê-se a habilidade com que o artista aplicou os seus princípios estéticos. Demais, uma luz forte de simplicidade e de justica banha as qualidades, os protagonistas, os compassos, a multidão de desherdado que ali se agitam. Aluizio

sufre, como homem e como brasileiro, ao medir a extensão da gênia pululante de onde, acomodando sofrimentos alheios, "João Romão" ascendeu à fortuna e às comendas. Que sartoria cruel, a "Bertoleza"! "O Cortiço" resume as melhores qualidades literárias do escritor: é completa e bem estilizada a pintura da vida, os caracteres surgem inteiros, os personagens principais estão agrupados harmonicamente. Por infelicidade, nota-se a excessiva demasia no rebulcamento do homem do povo, imerso numa lama inutil, quando não prejudicial à observação dos efeitos gerais. Mas que poder descriptivo! A luta de "Firmo" com "Jerônimo" agilita a imaginação do leitor: balha e canta na página, o "choradão" em que a "Rita Baiana" fascina o português com a sua graca serpentiforme, e que originalidade e leveza no traço ardente desse perfil! Entretanto, a grande criação de Aluizio Azevedo é outra, é uma figura sombria, criada comumente a sofrimentos de tragédia interior, é um ser humilde, feio e miserável, quasi "Alceste", meio "Quimísmo", triste como a dor grande como um protesto atirado ao destino, é o "Coruja".

Esta criatura de arte, que roça pelo simbólico, não tem rival no romance brasileiro. A verdade de personal junta a paixão de um combate sem trégua com a sorte injusta. Ergue-se na existência como a imagem do dever e é o dever que o esmagou a sua única ventura, é a bondade e chega a duvidar dela, a odia-la; o amor é o seu sonho de todas as horas e só impunha aversão: possue todas as virtudes e são as próprias virtudes que o atraíram, que o condenam à derrota, que o matam. Ah! que pena sentimos pensando no que poderia ter sido "O Coruja", se Aluizio Azevedo houvesse compreendido o valor, excepcional na sua obra, dessa criação! E o seu volume mais desculpado, talvez o único de que desdenhou. Da-nos a impressão de ter sido composto a pressa, sobre o joelho. Registram-se casos assim na vida literária: quem soube penetrar em tantas consciências, não se entendeu a si mesmo...

Do rumo que o seu talento poderia ter seguido, sem as ilusões de Zola, deparamos segundo indício nas primeiras produções e nos contos.

Naquelas, há em germe um idealista. Aluizio apareceu no Maranhão com o romance "Uma lágrima de mulher", estreia romanesca ao sabor francês, lembrando a poesia de "Graciela", de Lamartine, e de "Pôlo e Virgínia" de Saint-Pierre: rochedos de Lipari, cabresto de pescadores, figurinhas ingênuas em marinhas soulhadas. A essas quadras, tão representativas de romanticismo, nem faltou, para felicidade do caracterização, "Castor", o cão amigo, delito aos pés de Mignot, um artista rústico, enquanto o rapaz lia contos sentimentais ou executava músicas da sua imaginação, como "Teu nome"... A paisagem não é da América, nem das costas da Itália, nem da Ilha de França; pertence à escola romântica. E os personagens? Três únicas figuras em primeiro plano: um velho aspero, que cisma, uma devota, que reza, uma filha, que suspira; e lá, ao fundo, meio escondido nas nevoas do poente, um vulto a esbater-se nas tintas do horizonte, um homem chorando, abraçado a uma raibeira... E o amor que, mais tarde, sob as inspirações de Zola, havia de aparecer apenas como instinto, e, menos que isso, vezes, — como um recurso de luta feroz na vida — o amor era culto, adoração e recordava, nas imagens do artista in-

cipiente, aquelas plantas orientais que tanto mais perfume exalam, quando mais grosseria for a mão que as tributa; amor que se compraz em representar-se na morte, para, inconsciente e invisível, ir a deitar-se à soleria da casinha branca amada...

Neste romance, que tem todos os defeitos do gênero e da juventude, a crítica seria capaz de mostrar alguns atributos que, infelizmente, não foram cultivados na segunda fase. Elas transparecem nos contos. Um livro de pequenas composições encerra sempre fragrantes de alma, fantasias reminiscências, julgos sinceros sobre o homem e a vida. Quem escreve contos se consegue...

Nem sempre o faz o romântico, ou, se o faz, quase sempre logo as análises diretas da personalidade. No romance, intenções gerais, superiores a página, dominam o trabalho e o apuro no desenvolvimento das ideias apontadas. Os apontamentos, os fins.

Aluizio não é o único escritor cujo temperamento se denuncia mais claramente no conto que no romance. Dentro do próprio naturalismo, cuja estética exagerou a impossibilidade dos autores em relação aos enredos, há exemplo disso. Há, entre outros, o de Eça de Queiroz, em língua portuguesa.

Na crônica, no folhetim, na simples novela de improviso romanesco, o grande e quirido Eça é um amigo a conversar conosco, a dizer-nos em frases finas e borboletas, com verdade e sentimento, o que pensava do amor, da glória, da beleza, da bondade. Há em France e de Flaubert, que só era absolutamente perfeito quando se restituía o de Maupassant, que se retratava de corpo inteiro em dois ou três períodos de uma anedota original e de Daudet, cujos romances parecem contos grandes, o de Anatole, que são sutis e adoráveis sabe fragmentar, na insídia de meia dúzia de linhas, as maiores paixões humanas. Zola, esse ignorou sempre a arte de fazer contos... Inclinado às epopeias, desprezava as historietas... Aluizio dedicou-se caprichosamente ao gênero. Era um "conteur" nato. Último lance" afigura-se-nos um primor narrativo. Fluência, simplicidade, cálculo de efeitos, ideia final, imprevista, mas impressionante, de acordo com as anteriores, há tudo isso no conto. Outro escritor, menos habil, talvez houvesse levado o jogador a perder a última parada. Aluizio matou-o. Te-lo-ia feito Maupassant. Nas coleções publicadas, a melancolia, — uma branda melancolia dissimulada quase sempre em tom leve, é facto, — sucede uma jovialidade de forte, que às vezes se empâna em repente amargo. "A Serpente", que ampliada, nos deu o "Livro de uma sogra", "O Madereiro", "O Macaco Azul", "Impudente", esses e outros desenharam o Aluizio irônico, "Pelo Caminho", "Vírios", "Inveja" revelam o Aluizio comovido, — um Aluizio bem diferente nos dois casos do observador cruel dos romances realistas.

E tempo de resumir, senhores: Aluizio não reuniu num esboço de entidades históricas os aspectos físicos e morais do nosso povo. Fato que merece registro: o personagem é verdadeiro e não o é a sociedade a que pertence. Estes homens e estas mulheres, aidam, vestem, falam, agem, à moda do tempo e o tempo, como espírito, não está neles.

O meio em que agitam é monótono, limitado, quer enverguem o rodaque de linho branco de jantarinhos domingueros, no remanso burguês do ar-

balde, ondeinda impera a calidez de balanço das nossas várandas de fazenda, quer afrontem a luz dos salões elegantes, ou enxameiam boêmios nos círculos de vida irregular. Salva-o o estilo, amavel e sóbrio, e a forma, nitida, espontânea, em uma palavra, artística, embora de quando em quando lhe falega humor. Há críticos entre os quais "atenções foras da Alcaçova", que a cada instante admitem a simplicidade. Um sorriso responderá dessa banda à nossa observação... Mas, também deixamos aqui algumas reticências... A simplicidade não é assim tão simples... O entalho na madeira, a rendilha no granito e o estranho no mármore são requintes de forma.

Seria absurdo a catedral góticamente mistificante aparentemente inextricável das linhas dos adornos e das massas? Vede bem, ô tropicais helenos, que não desmerece a coluna quando a riscam em canhuzas e a enfolham de acanto! Nem o erivo mudinho da trapa a devorar livros e livros alheios, é perfeitamente simétrico.

Aluizio, quando queria, trabalhava a buril. Trahia-ho assim as suas melhores personagens. Quais páginas bem estimadas da sofismos! Lede-as que pintam a morte do Português tísico do n. 7, na "Casa de Penação", a evocar durante a agonia a aldeia longínqua da infância. Preferia um trecho americano, torpeado, como a nossa natureza? Abri o "Cortiço", tendes ali a luz do dia-madia, o calor vermelho das sessas da fazenda, o aroma quente dos trevos e das baunilhas, a palmeira virginal e esquisita, o veneno e o açucar gostoso, o sapatilhas mais doce que o mel, a casinha do caju, que abre fortes das com o seu azete de fogão, a cobra verde e traçadeira, a lagarta viscosa, a maricoca dolorida... Isso e mais que isso na exelente bruna, no serpente gracioso, no irresistível dengue de "Balana".

Sim, Aluizio era um artista. Vitimou-o o excesso de produção, o tempo, o malo. O seu caso é maior ou menor de todos nós. Vivemos na América e respiramos a atmosfera de uma época intensa à arte. Entre tanto, quantos sonhos pafavam sobre aquela valente pleia de artistas! Celamos no encanto de exaltar à distância de alguns instantes a sensibilidade congênita que tentavam dissipular. Tocante contradição: Aluizio e os seus companheiros afetavam o culto da realidade e eram finamente espirituais; subiam de cor "Une Charogne", cortejavam a "Bête Humaine", em caixa alta, redublam tudo à Força e à Materia e lham tremulos de comôcio. Michelet, Quinet, Saint-Victor, Victor Hugo, e vibravam na cruzada artística-boêmia de Patrocínio e devoraram depois os manifestos republicanos, traçados entre o busto de Washington e a figura simbólica, de barrete frigio, da Liberdade (também com maiúscula)... A Realidade é essa, conhecemo-la nós, das gerações seguintes, cuja adolescência alvoreceu não entre utopia de doutrinários de fora, mas nas dores da ação, quando, dobradas as páginas dos poetas dos publicistas, dos filósofos e dos sociólogos estrangeiros, vimos a pátria despojada de ficções, sem abavios imaginativos, com a poesia das palmeiras e das sabiás subtilizada por impressões de deserto a vencer e com o prestígio das lendas arranjadas românticamente, desafio nos impulsos tumultuários de um povo que afinal desperta e comprende... Mas, como aqueles irmãos mais velhos (iludidos sobre si mesmos) sabremos manter com... (Continua na página 176)

HISTÓRIA DE "O

Celso Magalhães, em 1873, viajou na Faculdade do Recife, e seu curso jurídico, regressou ao Maranhão, sua província natal. Na capital pernambucana teve um belo nome de literatura e cultura: escrevia romances e artigos poéticos, românticos e crônicas literárias; publicava, num jornalzinho, as primeiras contribuições para o estudo científico desse folclore; batia-se pela libertação dos escravos; expunha os contemporâneos com o realismo de suas pregações didáticas, e escrevera, ainda no último ano de sua juventude, uma gloriosa de *Émile Zola* em Paris, um romance que imitava originalmente trabalhado segundo os idênticos da nova escola literária: "Um estudo de temperamento".

de proclamar abertamente as suas convicções republicanas. Por esse tempo, a despeito dessas ideias avançadas, Celso Magalhães exerce, em São Luiz, o cargo de promotor público. A função não lhe proíbe, entretanto, de manifestar as suas opiniões renovadoras. Agora, a campanha contra o clero serena um pouco. Celso discute literatura e política. A cidade parece esquecida das altitudes rebeldes do livre pensador. Nesse ambiente tranquilo, surge, como um escândalo, a notícia de um crime hediondo. Certa senhora ilustre de São Luiz matara a garota, num requinte extremo de crueldade e loucura, uma criança de pele clara nascida na sua senzala. Celso Magalhães recebe denúncia desse pesto desumanizado. A sociedade procura ocultar o crime. A barba, no momento, não pode

Ao chegar a São Luiz, de volta do Corre, em 1818, Aluizio Arcanjo encontra Celso Magalhães em plena alegria exuberante e fecunda, criando uma miscelânea nova em Maracatu. Celso, bradante e culto com a sua tradição de festejos conquistados em Recife, logo reúne em torno de sua figura um grupo de rapazes de talento nos quais consegue articular os rincões de sua inteligência encantada. A esse grupo Aluizio não tardou a filiar-se. Ele e o rovalista terão influência decisiva no destino de suas ideias e de seus processos de escritor.

Foi esse tempo o jornal mais
bom em Maranhão é "O Povo".
Foi feito e dirigido por Tenen-
bergs, Arunha foi de futuro
e de "Canadá". Com o preu-
dece de São Bento, Celso es-
creveu frequentemente, dessa
pequena e interessantíssima
jornal, onde denunciava, com des-
mocracia, as ideias mais novas
e os rebeldes. Rumor de S.
Paulo seu amigo, publicou na
Tribuna de São de Mateus no
dia — "O Evangelho e o Si-
dejor" — para o qual Celso es-
creveu o prefácio. As ideias re-
volta nesse prefácio aborda-
vam a primitividade. E surge uma
realidade de potência no de-
correr, no qual Celso respondê-
do ardentemente ao padre
Bento de Aires da Fessera e
a Júlio J. de Guedelha Mou-
rato.

A discussão finalizou pelo silêncio dos sacerdotes. Célio Maculhás, no entanto, conseguiu a ser levado com certas reavivadas a sociedade burguesa de São Luiz do Maranhão. Continuava, todavia, uma incerteza quanto ao destino da campanha refeita de São Luiz e Recife. E morre, nesse dia de 1878, ainda em plena mocidade gloriosa, vitimado pela tísica e pelo maltrato dos homens da Província.

Constitui realmente uma imponente audiácia, na cláude consagradora, a altitude reial do São Luiz pensador. São Luiz tem um grande respeito pelo céu e pelas rúas da igreja. Nos dias de raias, quando o seu bicho saia à rua, enquanto bimbiavam festivamente os sinos de todas as igrejas, o patacréduo se ajoelhava na rua por onde o prelado passava. A reza do Bequimão, de tão nobres intuições, trascorria lamentavelmente, porque São Luiz, edificada no temor da igreja, se empadecera daqueles padres espúrios da cidade pôde colher os revoltados. Tem raízes profundas, como se vê, o respeito do povo romântico pelos ritos católicos. A religião

criaria beatas que não tem os desmandos dos clérigos especiais. Celso Magalhães começa a sentir, pouco a pouco, na sua terra, o descontentamento da sociedade que o cerca. Não recua, porém, na campanha começada. A burguesia, trabalhada pelo clero, aguarda um momento feliz para castigá-lo. O livre pensador continua, no mesmo tom desassombrado, e seus folhetins escondem-se na província. Ataca preconceitos e ilumina novos problemas. Denuncia publicamente os horrores da escravidão e erguesta os preconceitos sociais do Maranhão imperial. Insurge-se contra o regime e não tem medo. Por esse tempo irá na catedral um novo romance. Há muita que lhe medita nas cejas, na técnica, nos tipos, reparadamente elaborando o plano final. Apaixona as pessoas na sociedade burguesa de São Luís. A idéia de luta contra os preconceitos encadeia da província renazce-lhe, mais forte, na imaginação exaltada. E a cada instante se reúne em São Luís uma orfona das humens de pele clara procedentes das senzalas. Os mulatos vivem sob ameaças constantes da sociedade do Maranhão. Desde a colónia que essa bira ao mulato criaria raízes fundas no espírito da nobreza e da burguesia.

Agora, no Império, enquanto nas outras províncias há uma geral indulgência para o novo homem, continua no Maranhão, mais forte, mais vivo, a operação do mafato. Muitos dramaturgos processaram sob a influência direta de preconceito do cor. E Almeida vê, nesse tema, o grande assunto de seu romance. Os dias passam — e o romancista vai colecionando, em observações minuciosas e capazes, a galeria humana que já vai fazendo noivo lirro. Celso Magalhães indica-lhe novas ramificações na arte literária. Fora um deslumbramento. E o naturalismo parece, agora, o verdadeiro processo de uma estética contemporânea com o século desencanto. Celso lhe revelara os novos escritores, que veem respondendo gloriosamente contra os beloteiros júpiteres de romantismo. Almeida vê, Faria de Queiroz, que

Acabava de conquistar os rumos de um grande escândalo com as cenas algo escabrosas de "O Primo Basílio", seu segundo romance. "O Crime do Padre Amaro", com sua pintura de costumes, com seu estilo novo, um vocabulário simples que desperta dos mistérios do idioma a musicalidade mais perfeita — empolga o romancista. Ele parece estar rendo, em cada episódio ocorrido em torno de uma reita sé portuguesa, um caso acontecido na pobreza eidade de São Luiz do Maranhão, num ambiente igual de desordem, estranheza e beleza.

A lista de Celso Magalhães agitava a província. Mas, ressaltados os rumores do excedente, entrou vez a cidade do sr. De La Touche entrou no clima franzoso de sua vida sem incógnitas deslocadas. Tudo se passava agora como antigamente — naquelas ruas mal encadadas e silenciosas, naquelas sobredoses de peuma e val em cuja fachada de cimento havia barcos festejantes do sol incomparável nas manhãs estivais. Nesses dias claros, Alzão costumava esperar o teatro de uma vida sempre igual e passado pelos regnos dos arrejores, no deslumbramento das paixões que se renomam sobre os caminhos da alvorada. Nessas jornadas matutinas o romancista recolhe panois e tipos para o novo Heró, que ainda traz na cabeça. Observou tudo, num desejo de trazer para as páginas que iria escrever.

ver, uma reprodução fiel dos costumes de sua terra natal. As vezes leva um ou outro amigo nessas longas jornadas. Uma dia mi dirá cidade para o arrabale de Culin em companhia dos Domingos Perdigão. Exigentes, vencem os caminhos e os saltões da estrada. Alituzi só não tarda ao anúncio, num amontoado de episódios, numa preceição estupenda dos diálogos e das personagens, o romance que irá começar a escrever dentro em breve, segundo os princípios da nova escola literária. Domingos Perdigão pouco a pouca identifica as personagens. Reconhece o Raimundo, o Cônego Diogo, o Freitas, o Manuel Pescada, Dona Amâncio Souza. Alituzi desenvolve o romance numa seqüência lógica de cenas e capítulos, demonstrando que tem no espírito, completa, toda a arquitetura do livro. No final da narrativa, quando Ana Rosa morre só quer entrar no seu jardim, a esconde, do lado de dentro.

trado o casavam do Ramalho.
Domíngos Pergolizzi, preven-
do a repercussão do livro, con-
sidera que haverá com ele ressen-
timentos na Província. Aluizio
concorre com a observação da
amiga. A sociedade burguesa de
São Luís se sentiu intranqui-
los seus militares e nos seus
escritórios. Aluizio imagina o
escândalo estourando na cida-
de tranquila; os padres, assa-
nhados, as beatas leendo me-
ríticos orações de casa em casa;
os burgueses voltando as pági-
nas do livro com uma expressão
de colera em cada período da
narrativa... Aquela vontade
de luta dão entusiasmo no ro-
manista. São Luiz não pode

Alívio Acciada costumava colocar em ordem os personagens e os seus romances, tal como habitualmente se faz nas feiras de livros. Aqui temos a primeira página do manuscrito de "O Maldito", que contém toda a comparação do fausto romântico. O monastério em questão pertence à colônia de José Monteiro, e continua parado no tempo, Virgílio Cantanhede, o envelheceu para dar a preconceitos caducados. A nova era exige transformações radicais. O mundo mudou. Nequela cidade antiga, com suas séries de leitura, "O Maldito" será discutido por entusiastas e inimigos, Odorílio o romântica e pensador em marcha arrasta, num clima escura, a noite, longe do lampião de sua casa, para desafrontar do lado recebido. Mas o romance entra a todos esses burgueses recrudos a consciência do campanha-estúpida, miserável e louca contra os homens de pele clara que reem pela primeira vez a luz do sol na trapaça das senellas...

Aluzio vive para os moradores de seu romance. Com o objetivo de familiarizar-se com os personagens, desenha para cada tipo um boneco adequado, constituindo dessa forma, com os modelos apurados no vivo, a galeria humana do novo livro. Dona Ana Leger, figura muito conhecida na cidade, goza da infinitude da família Azevedo. Cada vez que ela tem a casa da rua do Sol, Aluzio desce de seu carro para apanhá-lhe os caricatos. As frases e os merecimentos. Com esse modelo Aluzio fará no romance o tipo tirassim e pitoresco de dona Amâncio Semente. Em outras ocasiões, cumprindo a Praia Grande, zona comercial da cidade, para recolher as impressões fétidas dos lústicos broncos que mouregam no hálito ou na porta das lojas. Veja as alegrias, frequenta alguns sacerdotes, perambula a esmo — e ce que começou...

completa, raro e samente, hoje uma observação, emanha outra, cenário da narrativa. Um dia, ainda adolescente, quando sentia na sensibilidade a vocação dos poetas e das telas, pensara ser o poesista do Maranhão. Depois, com os desenrolces, enquecera ou pusera de lado esse pensamento. Mas agora sente rencor a preocupação de outros. E traz para o romance os belos príncipes de São Luis no teatro, os retratos batidos

dos peitos pernambucanos errantes dos notórios
longos ventos pernais, a rádios. Esse acedame juntou o romance
banhada pela claridade intensa do periódico dos padres, luas
e brancas das flores de agosto... campanhas lhe deram impulso.
Depois de ter contado a Do-
sa na história das leituras
mizinhos Perdidões o drama de leitores; a primeira, em 1881, con-
tumulo Raimundo, Aluzio, em tra Aluizio Azevedo, a propriedade
outro passado, na cidade de Al- de "O Mulato"; a "recepção" no
cântaro, reeveja a outro amigo, ano seguinte, contra Tobias Bar-

M U L A T O " — Josué Montello

reto, o propósito de um discurso em que o mestre se propõe captação com desassento das principais rebeldes do pensamento alemão. Em ambas as peças o clero se retrou com veemência pela heráldica. E Tobias, com aqueles impetos desabafados de quem se sentia bem no tumulto, atraiu aos clérigos consideráveis nas colunas aedusas de jornal manuscritas, removendo deste teor jogafresco:

"Oh! que padre danado
Se é Fonseca
"Columna ecclesiae"
Do Maranhão..."

Abre-se aqui um parentesis
para contar o que houve):

A poesia ficaria nas andas
lhe cito como das mais agradá-
veis, mas representativas do
espírito brilhante do sacerdote
estudioso. E o padre Fonse-
ca, até então obscuro na sua vi-
da de sacerdote de província,
tinha subitamente com o nome
na história — embora a imor-
talidade lhe custasse uns galor-
deos incomodados de estupidez
baratinha.

Entretanto, esse padre Fonseca, que ao tempo já era Coordenador e se chamava, por extenso, Raimundo Alves da Fonseca — recebeu injustamente os golpes que Tobias lhe conferiu na polêmica tumultuosa. E essa injustiça adverte da circunstância de que não foi o cônego o autor do artigo que provocou a discussão, nem também dos desníos que se lhe seguiram em resposta a Tobias Barreto. A história da polêmica com os primeiros da "Civilização" ainda não devidamente estudada. São Romero não soube rebatê-la no cerço — e todos os que lhe escreveram sobre o caso reencontraram a laborar magistralmente no cerco.

A "Civilização" mantinha,
no entanto, menos assiduamente
uma seção intitulada "Sociedade
de Arqueologia", assinada por "Joaquim
de Albuquerque". Esse Joaquim
de Albuquerque, na seção refe-
rida, faz questão de mencionar, em 1882,
o escultor Teófilo Barreto,
cuja artefice é reproduzida na
imprensa de Recife pelo clero
prudente e ilustrado. Por esse tempo
o Conde Raimundo Alves da
Rocha ocupava, na "Civiliza-
ção", o cargo de principal respon-
sável. Seu nome era conhecido

fora do Maranhão — principalmente em Recife — em virtude da polêmica que, em defesa da Igreja, sustentava, com Celso Magalhães, nome bastante conhecido e admirado pela sociedade pernambucana. Ao ter conhecimento do artigo e sabendo que o Cônego Fonseca era o redator principal do periódico católico, Tobias Barreto, que conhecia a fama do sacerdote, atribui-lhe a autoria da descomponenda. Revidou, logo, em termos energéticos. E para dar a entender ao padre que sabia perfeitamente quem era o artista, ilhou no pseudônimo o sobrenome do clérigo, dai resultando um padre "Joaquim de Albuquerque Fonseca" — nome habilidosamente as traçadas do grande escrivano, confundindo-o em muitos passos a verdadeira identidade. Tobias Barreto exerceu, no Joaquim de Albuquerque, uma vítima católica. E aliou-se o melhor nos seus doentes e das suas diádicas contra o supostão padre. Hoje, esclarecido quem era o domo verdadeiro do pseudônimo, muitos desses doentes perdem naturalmente a sua razão de ser. E o episódio passa a história como um dos mais pitorescos exemplos de camuflagem ocorrido em nossas letitras, ao mesmo tempo que faz rular para a figura esquecida de Echelles Faria um certo momento de curiosidade e admiração.

acesso como verdadeiro por Silviano Romero, apesar do próprio Tobias ter lancedo, neste passo, um dos artigos, a duração orientadora: "O miserabil assassinou-se — Joaquim de Albuquerque — Será este o seu próprio nome? Dizem que não. O padre é tão burro, que escolhendo um pseudônimo, lança mão de um nome, que pode facilmente encontrar domo".

Na verdade tratava-se de um des Faro e o padre Ramundo Alves do Fonseca. Desde a sua aparição, a folha católica reverteu, pelo tom dos artigos de combate e doutrina, o propósito missionário de trazer à força, para o rebanho de Deus, as crenças desarrumadas.

Esse espírito combativo teve suas a sua razão de ser. A decadência do patrício rural levando de rotina a jortura, aumentou, transformaria a cidade burguesa de S. Luiz num reino de ociosos. Os antigos senhores poderosos, agora arrebatados, parasitavam na capital, a espera do emprego público. Os burgueses remediosos recolhiam contrateiros nos uxos seculares, nogue os seus subordinações a parentela decadida. As manobras se multiplicaram entre senhores e escravos. Muita ignorância se desfez sob a impressão contrarrevolucionária da pobreza. E essa dissolução de costumes chegou a olhar a província eleitoral a olhar a província eleitoral

Dessa forma, 1666 é a discussão que Teófilo Batista suspeita com um membro ilustre do clero maranhense, não soturna de que uma querela com um leigo espirituoso e morais. Eustáquio Faria, poeta satírico, católico truculento no gesto de Louis Veuillet, soube provocar, crendo a vencer o próprio criado, convencendo os credítos da Igreja no Maranhão. Sacerdotes respeitáveis não coravam de manter amantes nas ruas melhores de cidade. As janelas dos seminários se transformaram em pontos de humor. E a filha de sua bisavó das sacerdotissas, aumentava dia a dia suas

pa; "Propriedade de uma associação". E todos os colaboradores, destacadamente anti-

Um exemplo, esquadrado ao

"O Rev. Frei Osório escutado pelo "O Pensador" transcreveu o námerico para as janelas do "Seminário"!"

— Muda de vida, trude, se-não damos a denúncia".

A "Civilização" receberá a menor folha com desabaventuras ofensivas. Devolverá mesmo o primeiro número que lhe for enviado especialmente pelo redator de "O Pensador". Mas não esperava que a gazeta dos pedreiros lutes reagisse com tantagens às escaramuças dos clérigos feridos e revolvidos. A batalha apresenta fases de colônias soezes e de insultos descolorados. E em certo lance mais violento o clero tenta acudir a apelar, com resultados tristes para o prenunciamento farcidos dos Tribunais.

Aluizio Azevedo, na opinião
de Ronald de Carvalho

Caberia a Aluizio Azevedo, formado entre os românticos e romântico em seu primeiro livro, "Uma Lóptima de Sábia", encenou a primazia, ao menos o mais forte impulso para a reforma naturalista no Brasil. "O Mulato", publicado no Maranhão em 1882, marcou-lhe para logo um lugar à parte em nossa literatura, sem embargo de se perceber vinda, quer no feitio, quer no teor, geral da fabulação, alguns livros da corte que tinha com-
bater.

Na obra de Aluizio ("A Casa de Pensão", "O Homem", "O Cortiço") não se encontra nem o desenho de Quincas Borba, nem aquela intuição risonha de Bras Cubas. Ele não exerce, porém, uma abundância de quadros, de cenas e de tipos, verdadeiramente notável. Aluizio, como dissemos, é um impressionista, um impressionista que desejava, às vezes, com dificuldade, mas que sabe colar admiravelmente. Vede os seus esboços de rua, com as lojas abertas e as fileiras, resplandecentes de homens de negócios, tendedores ambulantes, e desocupados; apesar da sua descrição no meio baixo, onde os mesticinhos do sítio não é menor que a dos costurais, observai os seus dosselins, onde a língua e as idéias passam por todas as formas inconvenientes, desde o pernambucano peculiar da "cabreia", até o cultivo do negro sumo e humide. Que profusão de tipos! que riqueza de tintas em quase todas as suas páginas, cheias de um forte sentimento da realidade. Histrionais e tragédias, é um pintor versátil de cada período, e um pintor alegre, alegre nos tons primários, quente, e luxuriente. Sem se importar com os retratos, Aluizio procurava a superfície da alma humana, e, evidentemente, tem acento as possibilidades, os ricos de nôsso mundo quotidiano. Seus tipos são, por via de regra, vulgares, grosseiros, não se distinguem pela subtilidade da complexidade, nem pela frescura dos sentimentos. Ninguém, certamente, poderia entender, seguramente, certos pormenores da nossa intimidade popular, certas tendências desse clã étnico, tumultuoso e desarrumado, que forma a nossa plebe, e que se estende até os primeiros degraus das nossas camadas sociais, sem conhecer a obra de Aluizio Accredo. Ele reproduz, com a melhor fidelidade possível, a fisionomia do nosso mesticío físico e moral, como as suas fugitivas de caras, diuturnamente se deixam entrever.



Faz-simile da primeira página de texto do manuscrito de
O Mulato.

Um capítulo de "O Mulato" — Aluizio Azevedo

No dia seguinte, por todos os observou Sebastião. A pequena ruela da cidade de S. Luiz do Maranhão, e nas repartições públicas, na praça do Comércio, nos aguojos, nas quitanas, nas salas, nas alcovas, boquejava-se largamente sobre a morte do dr. Raimundo. Era a oração do dia.

Contava-se o fato de mil modos, inventavam-se lendas; improvisavam-se romances. O cadáver fora recolhido pela Santa Casa de Misericórdia. Procedeu-se a um corpo de delito; verificou-se que o paciente morrera a tiro de bala, mas a polícia não descobriu o assassino.

Nesse mesmo tarde os caixeiros de Manoel, vestidos de luto, entravam de porta em porta a seguinte circular:

"Lima Br.

Manoel Pedro da Silva e o conde Diogo de Melo Freitas Santiago particular a v. s. que acorreu de receber o profundo golpe do falecimento do seu preceptor e nunca usava choroso rebuçado e amigo Raimundo José da Silva: e, como o seu cadáver era de bolso no túmulo, houve, das quatro horas e meia da tarde, no cemitério da Santa Casa de Misericórdia, esperaram receber a v. s. o preciosíssimo obsequio de acompanhá-lo fértil da caixa de um inconsciente tio à ruas da Estrela n.º 36, pelo que desde já se confessam eternamente agraciados".

"Maranhão, etc., etc..."

A Misericórdia, edeou uma seção, mediante a quantia de 60 000 réis. O enterro foi a pé e bastante concorrido. Muitos notáveis acompanharam-no por consideração ao colega: grande número de pessoas por mirabolante.

O cônego ungiu o cadáver com água benta e encoroadou-o a Deus.

Maria Barbara, para complacê-lo descuso de sua conciência e porque sabessem que ela não tinha mais coração, prometeu missa por alma do Mulato.

Dia, se apareceu em casa à tarde, a hora do saimento. Notaram que o bem rapaz muito se sentia daquela morte e que no ato de baixar o caixão à sepultura, afastava-se de todos, naturalmente para chorar mais à vontade.

Não constou que mais ninguém, além dele e o cônego, tivessem corado. De volta do cemitério, Freitas, em conversa, com os caixeiros de Manoel, miso o Sebastião Campos e o Casusa, lamentou com palavras finas o lastimável falecimento do infeliz moço e disse que sentia bastante não ter a polícia decoberto o autor do crime; mas que, segundo a sua modesta opinião, aquilo fora nada mais nada menos, do que um suicídio, e que Raimundo viera até a porta da rua nas aguadas da morte.

— Uma fatalidade... Rematou ele, filosoficamente, a espancar com o lenço os seus sapatos envernizados. — Não me posso conformar com o diabo deste pô vermelho de São Pantanal! Mas creiam que me comoveu bastante a morte do pobre Mundico! Era um moço habil... Tinha muita habilidade para fazer versos...

— E' muita presunção, vamos!

— Não, coitado! tinha seus estudos, tinha! não se lhe pode negar!

— Mas também não era lá essa coisa que queria ser...

Ah! Sim, não digo o contrário... concordou deslindamentos o pai de Lindona, porque não tinha por costume contrariar ninguém. — Uma fatalidade, repetiu meneando a cabeça.

— E talvez não fique nestas...

nos corredores ou bebiam nos bufetes. Na varanda jogavam em silêncio os inalteráveis parres de voltarete. A casa toda recendia a perfumaria francesa.

Reinava um constrangimento pesado e estúpido; poucos se animavam a conversar, e ninguém ria. Mas de improviso a orquestra deu o sinal da primeira quadrilha e uma onda de homens invadiu brutalmente as salas, por todas as portas. Era uma alvoroço mesclada; havia o "croze" de lava branca, casaca semi-luva, o fraque de três botões com o lenço de seda azul debruçado na algibeira; sobre-saiam as enormes gravatas de cambrã engomada, com as pontas em bloco sistematicamente espiçadas sobre a negrura da lapela. Algumas tinham um tique pretenso; outros um ar encilhado e cheios de rubores; principiava-se a suar. Destacava-se os filhos dos neogentilícios, que haviam ido à Europa "estudar comércio" e os acadêmicos de Pernambuco, Bahia e Rio, que estavam de ferias na província. A dança abalava-os a todos; as senhoras iam já se levantando; arrastavam-se cadeiras, a luz do gás mordia os ombros nus e fazia faiscas os diamantes; as robeças concavavam a gente.

As quadrilhas e as valses succediam-se quase sem intervalo. O entusiasmo apoderou-se de todos.

O Pescada, mal o tempo levantou, mudou-se junto com a Ilha e a sorte, para um círculo do Caminho Grande, onde Ana Rosa esteve à morte. Chegaram a fuzar juntura de médicos.

Desde então o pobre Manoel vivia muito apoplantado. Falou-se que os seus cabos tinham embrangecido totalmente e que ele agora se dedicava ao trabalho como nunca, com uma espécie de furor, um desespero de quem bate para quebrar a sua desventura. A nova firma comercial, Silva e Dias, nasceu entre tanto, no meio da mais completa prosperidade.

Seis anos depois, em meados de fevereiro, havia uma partida no Clube Familiar. Era uma galanteria que os liberais dedicavam a um seu corregidório político, chegado da Corte para aqueles dias, com destino a presidente do Maranhão.

Estava-se no rigor do inverno e chovia durante toda a tarde. As calçadas refletiam em zig-zag a luz vermelha das lampreiras; alguns tellados ainda gotjavam melancolicamente, e o céu, todo negro, pesava sobre a cidade que nem uma tampa de chumbo. Não obstante, chegava bastante gente para a festa; velhas carruagens enfileiravam-se na rua Formosa, despejando golfinhas de seda e cambrã. As damas, finamente envolvidas nas ondas dos seus pufes, subiam, arranhando as cudas, nos saídos do baile, pelo braço de homens sérios de cara. Havia luxo. Os lances da escadaria mostravam-se juncados de fôres desfolhadas e folhas de mangueira, e os degraus de quatro a quatro, estavam guarnecidos por grandes vasos de pô de pedra vazios de plantas. Espelhos de bom tamanho refletiam de alto a baixo, no corredor, os pares que subiam. Em todas as portas havia alvas cortinas de labirinto.

O presidente acabava de chegar; e a banda do 5º de Infantaria tocava em baixo o Hino Nacional. Todos se agitavam para vê-lo; comentavam-lhe já, em voz soturna, a figura, os movimentos, o andar, a cor, e os botões da camisa.

No salão de honra, as senhoras, parafusadas nas suas cadeiras, numa resignação cerimiosa, espiavam discretamente o penceco, para ver o presidente novo. Os rapazes, com o cabelo dividido em duas pastas sobre a testa, fumavam

Rasgaram-se vestidos, espicaçaram-se folhos de roupas, desfilaram-se penteados e soltaram exclamações de prazer.

Um rapaz, ao terminar a quadrilha, refugiava-se, coxeando, na varanda. Tinham-lhe passado o melhor calo.

Maus raios te partam, diabol! E foi assentar-se a um canto, segurando carinhosamente o pe.

O seu Rosinha, fale com os amigos velhos... disse o Freitas, aproximando-se dele e estendendo-lhe a mão. Não sabia que o tinhamos aqui em nossa terra, doutor!

Estava o mesmo homem, sempre engomado e levo, com o seu estêncio colarinho à Pinaud e a sua unha de estingação. Então... que lhe contava o caro dr. Rosinha, depois que se viram a última vez?...

Já lá se iam três anos!... Rosinha achava-se em ferias; era terceiro anista de direito em Pernambuco.

O Freitas notou que ele estava um rapazão; estava muito melhor; mais desenvolvido! O Faísca sorriu. Com efeito engrossara de ombros e delatava melhor corpo. Agora tinha um par de sutiãs e parecia menos tolo, porém muito mais maço. Falaram superiormente contra aquéle modo de dansar. O estudante descreveu as dores que sentiu quando lhe pisaram o calo e jurou nunca mais dançar com semelhantes estouffados. Depois conversaram a respeito do novo presidente. Freitas queixou-se do partido liberal. "Uma suíça de criancinhas!", disse ele indignado. Era fechar os olhos e apanhá-lo o primeiro! O tal gabinete de 5 de Janeiro podia limpar as mãos a parede... Incrédulas! So incréduis! Ele seguia ocuparam-se do passado; lembravam-se do deputado Manoel Pescada e da falecida Maria Barbara.

— A velha Babó! murmurou o Freitas, cheio de recordações. — Outro pediu notícias de Linduca.

Sempre gorda! Agora estava lá pela Paraíba, com o marido, o Dodu Costa, que fora removido para a Alfândega dessa província. Sabe? A Eufrazinha fugiu com um cômico!...

— Ah! sei! sei!

Entendeada! O pobre Casusa, coitado, é que estava perdido! Extravagâncias! Rosinha, se visse, não o conhecera muito desfigurado, cheio de cas!

Faísca declarou que ainda

não tinha encontrado em parte alguma.

Qual encontrado o que havia de camas... entrevistou uma perna que era isso! E o Freitas mostrou a cintura.

— E o Sebastião? perguntou o rapaz.

Melido na fazenda. Ja não havia quem o visse. E a cresceram, sem transição: — Homem, quer saber quem está a dizer... O nosso cônego Díez!

— Sim! Já ouvi dizer. Coitado, retinção de urina, ele sempre sofreu de estreñimento...

— Um Santo! Se o é!

E ambos sacudiram a cabeça, no recolhimento da incerta convicção.

— Faísca calculava escrever o necrópolis do cônego, caso este morresse antes de sua volta para Pernambuco. Falaram, também do Cordeiro, que se tinha estabelecido com Manoelzinho. O Freitas afirmava que iam muito bem, porque o Bento Cordeiro deixara o diabo de viver. E interrompeu-se para engredar ao outro;

— Você conhece este rapaz que vai passando de brago dia a uma moça?

— Não.

— E' o Gustavo!

— De Vila Rica! Aquela que foi caseiro do Pescada!

— Ah, sim! já sei! Mais como ficou mudado! ele que era um rapaz tão bonito.

De fato, Gustavo perdera inteiramente as suas belezas europeias e tinha agora a cara sarapintada de funches venenosos.

Estava para casar com a moça, que levava pelo braço. Una ilha do velho Furtado da Serra.

— Hum! bravo! Esta bom!

Dava muita noite e algumas famílias embrulhavam-se nas suas capas para sair. O Freitas despediu-se logo do Rosinha, apressado.

Depois da meio noite — nadal nada absolutamente... Observava ele, sempre melancólico.

Mas, no patamar da escala, teve de esperar um instante que descesse um casal que se despediu. Adivinhava-se que era gente de consideração pelo tipo afetuoso como que todos os casais primavam; muitos se pareciam pressurosos, para não dar passagem. O próprio presidente.

(Continua na pág. seguinte)



Uma casa que pertence à tradição literária do Brasil. Nela viveram e trabalharam Aluizio Azevedo, Coelho Neto, Olavo Bilac, outros editores e poetas brasileiros

A vida de Aluizio Azevedo -

DOMINGOS BARROSO

(Da Academia Maranhense de Letras).

Aluizio cursou as aulas primárias que aliudí quando falei de Américo. Não consegui averiguar se estudei humanidades. Se o fez, foi irregularmente. Adquiriu, assim, por si a cultura que mais tarde veio a ter.

Muito jovem, foi colocado pelo pai, como caixelero, no escritório dum despachante da Alfândega de São Luiz.

Ele, porém, que tinha invencível aversão ao comércio, dava longas horas pelas coisas de arte, aprendendo desenho, nas horas vagas, com o professor italiano Domingos Trubizi.

Mas na aula, — narra o ilustre João Alfonso Nascimento, seu contemporâneo e amigo, — era um revolucionário, que se insurgiu contra os erros e a rotina do mestre, para encarar a impetuositade do seu aluno juvenil, que o impelia a tentar ninos que somente artistas já feitos se davam a empreender.

Foi assim que, não conhecendo ainda regras elementares de desenho, pintou — a óleo! — uma tristeza, uma pavorosa cena de berinjela, a que não faltava imaginação, e em que obviamente cores berinjela.

Mais tarde, ao monejo, — em que se achava, — do pincel e do lápis, deu-lhe, um dos mais altos mestres do escritor. E' que, antes de descobrir os pertenços que nos seus livros se movimentam, ele assistia, a esquedala, se eram belas e boas, e caricaturava-as, o lápis, se eram ridículos ou más.

Tese "processo", escreve eu, "foi de certo o que lhe construiu uns dos laços mais vigorosos da obra literária, com a criação ou adaptação dos tipos que nela vivem, sofrem, choram, riem, palpitam, frenem e aliviam, com o cunho inconfundível que denuncia o artista, como o autor inconfundível que faz das suas criações imagens reais da existência e do meio; provocando uns e outros, outros a piedade, e, assim, todos eles munidos dentro do abra humanitaria".

Entrou Aluizio para o Rio, e em dois ou três anos, trabalhando no caricaturista, no "Floro", no "Mequetrefe" e no "Revista Ilustrada". A ocasião era muito oportuna.

De um lado, acontecimentos como a vitória de D. Pedro II à Europa, e o ruidoso caso chamado "os tristes betos", provocado por uma "charme" com que Bordalo Pinheiro suscetibilhou os melindres nacionais, davam ensejo à atividade do seu lápis humorístico, e aos comentários feitos nas legendas das caricaturas pelo seu pena incisiva.

De outro, Arthur Azevedo estava no palanque da fama, com a representação sucessiva, por mais de cem vezes, da peça "A filha de Maria Angélica", tradução e adaptação do célebre drama comico de Leopoldo de Mme. Angot".

Aproveitando a sua récita de autor e as estrondosas homenagens que então recebia, Arthur, chamado várias vezes a cena, trouxe, em um dia, da mão de Aluizio, que se achava nos bastidores, levou-o ao palco, e disse à platéa: "Apresento ao amável público fluminense, naquele tempo ainda não se dizia 'cavalo', Aluizio Azevedo, irmão do pai da filha de Maria Angélica".

E o platéu ovacionou freneticamente os deus;

Embora assim ocolhido no Rio, Aluizio retornou ao Maranhão, em 1879.

Então, o caricaturista se fez jornalista, primeiramente no "A Flerta", redigindo uma seção humorística e assinando "Pitribi"; após fazendo crônicas cintilantes, em "O Pionador", jornal anti-clerical, de um grupo de mesas le cujo título ficou sendo a autonomia pela qual era vulgarmente conhecido Eduardo Ribeiro, que se tornou engenheiro militar e serio governador de Amazonas; e, mais tarde, esbanjando com pseudônimo "Lhinho", na "Folha", a resenha crítica dos outros jornais do terra.

Ainda nesse período de olvidade

no imprensa, publicou "Uma Migrânia de mulher", faro nôvelo, vaso de nos deliquescentes moldes românticos do tempo, moldes que logo quebrou, seduzido pela escola naturalista, que transplanteou para os lettras nacionais, e do qual foi uma das mais altas expressões no Brasil.

Em 1881, deu à lume "O mulato".

Não sei de outra romântica-estratégia que tão cedo e tão golhardsamente tenha empolgado o público, legente no nosso país.

Os homens de letras mais eminentes e os críticos, mais severos que o Rio soudaram o livro com carinho e entusiasmo.

E o mesmo se deu em todas as outras Províncias:

No Margarim não foi assim, e, aliás, bem se explica por que assim não foi.

Por uma parte, toda a sociedade local estava visceralmente interessada na questão religiosa e na questão do elemento servil, e Aluizio, abolicionista convicto e anti-clerical ardoroso, corregendo um tanto a mão nas tintas com que, os sábios e os impulsos dos seus concílios, pintou certas cenas e certos tipos, teria forçosamente que irritar aqueles que alimentavam idéias contrárias às suas, e eram o maioria.

Por outra, o "mulato" realista não poderia deixar de ser chocante, para quem estava então acostumado a ler Lamartine, Pinheiro Chagas e Macedo.

Há ainda que, em vários personagens de romance, notaram flagrantes semelhanças com personalidades importantes de São Luiz, e que eram indicadas, em voz alta, por toda a gente, o que aumentava ainda mais o irritação, já reincidente, com os modos apontados.

As confidências de Coelho Neto, que era um fantástico! Início sei se já lhe arguem o perdecio!. Aluizio era um impressionista. Aquele exibia o que a sua poderosa imaginação ideava; ele, o que a sua visão oguda observava.

Provável é, assim, que não poucos dos tipos que se veem em "O mulato", sejam, realmente, fotografias uns, e caricaturas outros, de gente que a toda hora via em termos de si e feitos, uns propositado, outras quase inconscientemente.

Esse acúmulo de circunstâncias criou para o livro um ambiente entre frio e hostil, embora os amigos e companheiros do romancista recebessem com alacridade o seu triunfo conquistado extra-fronteiras provinciais.

Um só crítico, aliás poeta de mérito, a quem Aluizio atendeu no prefácio da 2.ª edição do romance (e não lhe repetiu o nome porque quanto ele mais tarde se arrependeu, e como se penitenciou da injustiça e da virulência da crítica), lá se ocupou do romance, para, em períodos ócticos, aconselhar o romancista a que largasse o pena e fosse para a leitura.

Aluizio, como se sabe, rejeitou o conselho. Não sei se com a recusa foi prejudicado o agricultor nacionai... Sei é que os leitores brasileiros mais felizes lucraram.

Felizmente, com o escorar dos tempos, as paixões serenaram, os antipáticos arrecederam. E hoje não há Maranhão quem não se lembre de haver sido um maranhense que escreveu "O mulato".

Esse livro é, lá e fora de lá, tido por muitos gente, como, dentre quantos compõem Aluizio, o melhor e o mais completo. É, realmente, admirável. Bastaria a fazer a reputação de um romancista.

Mas, de mim, hesito em dizer o que o mais bem fez dos seus romances: se "O mulato", ou se "O critico".

Pendo, — sempre que os leo, — para aquele... que estou a ler, tanto acho agradável os dois como, quase tanto, a "Cosa de pensão" e "O livro de uma sogra".

Voltando para o Rio, Aluizio se fixou no romance, abandonando por

completo o lápis de caricaturista, e quase inteiramente o pena de jornalista.

Escreveu, é exato, vários contos, e colaborou com Arthur em diversas peças teatrais, obtecedendo, neste particular, à influência do irmão que, aos 15 anos de idade, em São Luiz, já escrevia a delicada comédia "Amor por anexins", longamente aplaudida pelos plateões do Brasil inteiro.

Mas romancista é que ele foi mais que tudo, e como tal sobre tudo de.

Dos seus romances, eu desejaria falar minuciosamente aqui dando um rápido resumo do enredo pelo menos de alguns.

Mas quem de vós não os leu?

Quem, entre todos vós, não se delectou com os seus trechos descriptivos, especialmente da Natureza, como que "transplantada", para o papel pela propriedade da sua adjectivação, e pela firmeza do seu estilo, que, na claridade singela e honesta, deslumbra como um ralo de sol?

Dos suas personagens, quem que não se recorda de muitas, e não topo, com alguns no impecável da vida?

A miúdo com elas nos açoitavamos nos ruas, e temos a impressão de que foram arrancadas de seus livros para a existência real.

Aqui, é "Amâncio", o velho iraquianista e nervoso, tagarela e mal-dizente, metídico e desbocado, que passa pelas páginas d'"O mulato", indagando de tudo, sabendo tudo e falando de tudo quanto havia pela cidade, barafundando por todas as casas e saindo por todas as ruas, chocalhante e paçanha que uma cascavel.

Ali, é o "Coqueiro", da "Casa de Pensão", individual franzido e desarranjado, amoral e sem vontade, que se transforma bruscamente em herói, por um crime o que é arresto e o que a sua poderosa imaginação ideava; ele, o que a sua visão oguda observava.

Acólá, é o "Jerônimo", o português caciqueiro d'"O cortiço", rude e honesto, sórdio e trabalhador, que o ambiente amolecedor da estalagem e os capítulos ofensivos da multa "Rito-baixa" transmudam em desorde e criminoso, devasso e bêberrado.

Mais adiante, é "Olimpio", d'"O livro de uma sogra", mulher despróprio de preconceitos e muito avançado do seu tempo; que, ignorado no que tem de inteligente e de afetiva, arrosta com a ironia e o ridículo sem se importar de que a tomam por caprichosa e má, desde que faz a felicidade da filha, o quem amo com um amor profundo e raciocinado, feito de devotamento e de ternura.

E cíndia e "André", d'"O coruja", personagem que Adelar de Carvalho afirma ser irreal e momentaneamente inapropriada; quando é certo que ele é, apenas desfigurado por alguns traços, o de um bacheiro desafortunado e afeio, que vegeta no Minhocão pela primeira metade do século passado, e que, por vezl, sempre roupa usada, que antigas colegas mais felizes lhe davam, era conhecido pelo alcunha de "Bou-pe-velho".

Para que citar mais?

Tipos como esses, magistralmente traçados, se encontram vários nos clássicos e nos demais livros de Aluizio, — livros que todo o Brasil que lhe leu, leu quando foram publicados.

Com os anos, os exemplares foram rarificando nas livrarias, o que ficou sendo uma ameaça ao devido conhecimento do obra do romancista.

Mas, de mim, hesito em dizer o que o mais bem fez dos seus romances: se "O mulato", ou se "O critico".

Pendo, — sempre que os leo, — para aquele... que estou a ler, tanto acho agradável os dois como, quase tanto, a "Cosa de pensão" e "O livro de uma sogra".

Voltando para o Rio, Aluizio se

fixou no romance, abandonando por

se relaciona com os nossos le-

trs, e, em particular, com o con-

tinuo em que nascemos.

Há ainda na obra de Aluizio dois méritos a realçar.

Um, as dificuldades com que a realizou ele, que vivia, premido por operações financeiras, numa casa de comodatos, mas não privava de passar à tarde pelo ruas do Olímpio, trajado como um "dandí", de cartola branca, fraque cinzento e batina de vermelho, — às vezes pertencentes a companheiros da "república", fato de que Coelho Neto dá testemunho n'"A conquista".

Outro, a honestidade do escritor que, para aponhar com fidelidade cenas e tipos, não hesitava em enfrentar um casaco enredado e umas calças remendadas, e meter-se num quarto sordidíssimo que olhou num cortiço, onde esteve ameaçado de trovar relações com a navalha dum "capoeira", convencido de que ele não era senão um "secreta" disfarçado, desde que o viu, casualmente, no seu sonhos, a duma fabulação absolutamente original a uma forma literária impecável, e, mesmo, otá uma caprichosa fatura material do livro.

Tal sistema de vida, de falsa conforto e de privações rasteiras, levou-o a procurar, — taíndo os engrossados relatos solitários não haviam inventado o verbo "cavar"... —, um pouco estavel e remunerador.

Após efêmero passagem, como oficial-maior, pela Secretaria de Estado fluminense, e com a introdução de uma nova era de aperfeiçamentos, foi nomeado: vice-consulto em Vigo (1895), em Yokohama (1897) e no Salão (1899); consul em La Plata (1903), Cardiff (1904) e Nápoles (1906); consul geral em Assunção (1910) e, (1911), cumulativamente com estas funções, adido comercial junto a todos os legados na América do Sul, para servir nas quais fosse designado.

Despediu assim, na cerreja consular, cinqüenta, das cinqüenta e seis incompletas que viveu de abril de 1857-27 de fevereiro de 1913.

Foto curiosa: colocado, mais no-

da, ou quase nada escreveu, pois desse período, só se lhe conhece, publicado, um admirável estudo comparativo da mulher japonesa com a mulher norteamericana, e o qual vem na "Biblioteca Internacio-

nal de Objetos 'Célebres'".

Porque tomorrow é tão lastimável inverno, quando leve a pão garantido?

Várias hipóteses se hão formulado para o explicar.

Alvítriom uns que ele escrevia, não por gosto, mas por necessidade, e, assim, quando não mais necessitou, não mais escrevia. Outros, que, afastado do Brasil, sentiu que lhe faltava o "mão", bêbado em que se fez, e forçado do qual não sabia criar. Alíando outros, que estavam no anseio desejo de realizar uma obra de integral perfeição artística: — obra que imaginava, mas receava não poder escrever; perfeição que, nos seus sonhos, a duma fabulação absolutamente original a uma forma literária impecável, e, mesmo, otá uma caprichosa fatura material do livro.

E foi assim que, na atividade burocrática, e na inatividade artística, se escoraram os deradeiros anos da sua existência, ensorbeados por uma fina nuvem de melancolia, cuja causa ele não devassou nunca e nem quer.

Mas gente de orgulha orgulha, ou gente doquel a quem ograja romântizar às vezes as coisas mais prosaicas do vida deduziu o seu entendimento do separação de alguém, em cujo retrato aquarela, pintado em seu sono, é que não saiu de cima da sua banca de trobalho, se viu um "kimono" bordado de crissentos, e uns doces olhos amedrontados. Recadação de uma suave figura japoana, a quem se ligou em Yokohama, e que não o quis acompanhar mundo afora, no desejo de não deixar sós os pais, valinhos e encantados, para os quais ecam indisponíveis o seu sorriso de "gesso" e a sua meiguice de "muss-muss".

("Jornal do Comércio", 11-4-1937).

Dois sonetos de Aluizio Azevedo

VELHA SAUDADE

Denos que te partiste, ó brancos Alzira! eu vivo
Mais triste que o luar das noites misteriosas;
E os espinhos eu sinto, agros, de estranhas rosas.
Punjirem-me no peito o coração cativo.

Busei embalde o repouso; embalde as desculdas
Horas, que junto ti passei, busci lascivo!
Tudo inutil, amor! Não acho lenitivo.
As dores da saudade, amargas, silenciosas.

Então, cheio da tua ausência indefinida,
Atiro-me no chão, pesado como um prédio,
Mudo, sombrio, alheio inteiramente à vida;

Mas de repente... eu sei! suponho achar remédio.
Olhei, procurei, escutei! E' tudo em vão, querida!

E fico bocejando às bordas do meu tédio.

MALDIÇÃO

Bramavam os meus amigos à porta
Sempre que eu tinha ao lado uma mulher;
Uns porque a coisa em si mal parecia,
Outros por outra implicação qualquer.

O caso é que nenhum me permitia.
Retirar do amor na festa o meu talher,
E a mim, se a mesa ficou, só cabia
Comer com a própria mão, ou não comer.

Dos meus lábios por elas arrancada
Toda a mulher que amei, amei em vão,
Senhora fosse ou misera criada,

E hoje, chorando em negra solidão
As amigas perdidas pela estrada,
Bramo contra os amigos maldição!

Cardiff, julho 1904.

Um capítulo de "A Mortalha de Alzira" — Aluzio Azevedo

Ozéas muniu-se de uma lanterna furtada e fez-se acompanhar por Angelo, que levava o alívio e a enxada.

Sairam.

A noite era bonita e frouxamente iluminada por um luar de abril.

A aldeia dormia jaz, e apenas algumas árvores rumoravam, sonhando talvez, ainda tontas da quente carica do último sol que as sufocara com os seus beijos de fogo.

Cães ladram de pescoco estendido, provocando o céu. As estrelas bruxoleavam tristemente no azul da abóbada misteriosa. Não se ouvia o pio de uma ave noturna.

E os dois religiosos lá iam pela estrada, silenciosamente, projetando longas sombras na areia dos caminhos.

Pareciam dois espíritos filhos da mesma noite.

Andaram durante algumas horas. Atravessaram a aldeia, sem dizer palavra. E afinal chegaram a um cemitério que já não pertencia a Monteli e sim a Bianca-Manteaux.

— E' aqui, meu filho... disse o velho parando, extenuado de fadiga. Angelo nada respondeu. Encostou-se ao sinistro muro da casa dos mortos e respirou descançado.

— O que vimos aqui fazer? perguntou depois.

— Entremos... deliberou o outro, procurando o lado mais baixo do muro para galgarlo.

E penetraram no cemitério.

Era um bem triste lugar aquele, com a sua dura simetria de túmulos entelados, branquejando ao luar. Canteiros de flores, mais fúnebres que as sepulturas, pareciam dizer na muda linguagem das perpétuas e das margaridas, todo o segredo das dores e das saudades, que ali gerem, junto aos que fugiram para debaixo da terra.

Mas agora nem o eco de um soluço, nem a chiliqueação de uma lágrima!... Mudo esquecimento e paz absoluta! A lágrima nasceu líquida para seca depressa, e o soluço não tem asas para acompanhar a memória dos que morrem!

Ozéas e Angelo puseram-se a andar vagarosamente por entre os mausoléus, até chegar ao campo raso dos mortos anônimos, para os quais só há uma cratera de ferro, com um simples número, fria como o coração do coveiro que os sepultou.

O cemitério era grande, mas de aspecto miserável. Um vasto campo, que se estendia, subindo em rampa, até parar de súbito num formidável despradouro, onde nunca descia a luz do sol nem das estrelas.

O frade, ao chegar a certo sepulcro, coberto por uma lousa de mármore deu luz à sua lanterna e alumiu a lápide.

— Lé... disse ao compatriota.

— Ah! exclamou Angelo, retraindo-se.

Na lagea funerária estava escrito "Alzira".

Aqui jaz o que deixa resta... negredor o velho.

E depois de um silêncio, acrescentou: Levanta a lousa.

— Profanar uma sepultura... Eu... protestou Angelo, recuando. Não! Nunca!

Assim é preciso! Obedece!

— Meu pai!

— Obedece!

O presbítero hesitou ainda.

— Obedece, ou eu te amaldiçoarei para sempre! insistiu Ozéas.

Angelo abaixou a cabeça e começou a levantar com o alívio a pedra sepulcral.

Conseguiu-o no fim de algum esforço.

— Agora, tornou o velho, quando vi a tumba descoberta, tire a enxada e que está lá dentro...

O pároco voltou o rosto, exclamando:

— Oh! Não! Não! por amor de Deus!

Ozéas tomou a enxada e retirou com ela uma caveira de dentro da sepultura.

Limpou-a ao habitual e levou-a até os olhos do discípulo dizendo:

Vé bem!

— Uma caveira!

— Sim. Uma caveira! E tu do que resta da beleza da tua Alzira!... a terra comeu-lhe os olhos, o nariz, a boca cor de rosa... Só ficaram os dentes, para se rirem de ti, loucos!

Angelo tomou a caveira entre as mãos e fez-a contemplar, abstrato e mudo.

Ozéas chegou-se mais para ele e disse-lhe, avizinhançando a boca do seu ouvido e abafando a voz como quem conspira:

— Vé bem!... E' uma caveira vulgar... confunde-se com todas outras!... Foram-se-lhe os encantos... foram-se os cabelos com os seus perfumes sensuais, os lábios com os seus sorrisos sedutores, os olhos com as suas chamas de amor!...

— Meu Deus! soluçou Angelo.

Restam apenas ossos... insistiu Ozéas. E' tudo que resta neste mundo! O mais que suponhas que existe, o mais que vejas nos teus sonhos libertinos é loucura! Compreende bem, Angelo! Loucura!

— Meu Deus! exclamou o moço deixando cair a caveira dentro do túmulo, e sentindo fugir-lhe a fúria dos olhos. Meu Deus, valci-me!

E baqueou no chão, abraçando-se à lápide.

Ozéas precipitou-se sobre ele, para socorrê-lo.

— Angelo! chamou. Animo! Animo, meu filho! O pároco não deu acordo de si.

E o pobre velho apaixonou-lhe o rosto e o coração.

— Perdeu os sentidos! disse afiito. Valha-me Deus! Como lhe hei de valer! Se eu tivesse apenas um pouco de água! A sua fronte escaldava de febre!

E correu os olhos em torno, desesperado por ver somente a morte em volta do seu dessepero.

— Ah! exclamou com uma idéia. Na capela!

Talvez encontrasse o guarda. E procurando estagar os seus cansados passos de antígo, afastou-se, deixando Angelo abraçado à lousa de Alzira.

Angelo ergueu a cabeça ao fim de algum tempo e contraiu-se todo, ajoelhando-se na terra.

Todo ele tremia.

Aos seus olhos desvairados, um terrível espetáculo se apresentava naquele instante.

Alzira surgiu da cova, lentamente. Vinha toda de branco, no seu longo roupão funerário, em que clie a vira estendida em seu leito de morta, quando louco de amor, a estreitava nos braços. Tinhas os cabelos soltos sobre as espáduas, os olhos repreensivos e tristes, a boca entrebateira por um sorriso amargo, mostrando a embaciada gola dos dentes.

— Ah! gritou o pároco, fitando-a.

E um singular diálogo trouxe-se entre os dois:

— Para que viste profanar esta sepultura?... perguntou o branco espectro de Alzira.

Angelo respondeu, sempre de joelhos e sem despregar os olhos dela: Para me convencer de que não é mais do que vil despojo! Para me convencer de que é pô e lodo!

— Que loucura com isto?

— A razão, porque tu me enlouqueces... Tu és a minha loucura, sedutor demônio!

Debruçou-se sobre a cova.

— Loucura! E conheces por

acaso, alguma coisa no mundo que não seja delírio e loucura?... O que é a tua virtude senão loucura?... O que é a tua religião?... Tudo isso é insânia!... Tudo isso é a febre dos doidos! é o desvairar dos loucos!...

Angelo arrastou-se para ela, exclamando suplicante:

— Então não me deixes viver outra vida sendo esta em que eu te tenho. Ao meu lado, no alcance dos meus lábios!...

Leve-me, como nas outras noites, para os teus palácios encantados, para as tuas grutas misteriosas, leva-me para onde quiseres. Eu serrei o teu pênis! O teu genitál! O teu amante! O teu parente!

— E tarde! replicou Alzira, desviando-se dele, sem fugir de onde estava!

— Não, insistiu o pároco! não é tarde! Venha o minha espada de cavaleiro! Venha o meu fogoso gineté de longas crinas flutuantes! Arranca-me destas abomináveis mortalhas pretas, em que me envolveram desde o berço! Arranca-me desta vida estúpida, e da-ma a outra ideal e sonhadora! Vamos: quero ser de novo um aventureiro, quero as minhas paixões, quero o meu punhal, quero a formosa mulher que palpitalha de amor nos meus braços! Vamos, minha Alzira, meu doce enfeve, poesia e sonho de minha vida, encanto da minha alma! Vamos! Atenda-me!

— E tarde!

— Ah! gemeu o moço, deixando cair a cabeça entre as mãos, a soluçar.

— Ouve, desgraçado! tornou a sombra de Alzira, com uma voz triste e plangente. O amor que tu votei era tão grande, que ninguém jamais amou tanto sobre a terra!... tão grande que eu consegui, das invioláveis profundezas deste mundo dos mortos, criar um novo modo de viver contigo! Dei-te a vida ideal do sonho, onde não terias nunca as tristes misérias dessa outra vida em que vegetas!... Mas tu insensato! acabas de destruir o que eu com tanto amor criei para a tua felicidade! Que lucraste em desfazer a nossa vida fantástica?... Que vantagens descobriste nessa miserável existência que te resta agora, tão carregada de tédio e mesquinharia necessidades?... Dentre melhor poderíamos gozar a suprema ventura de nos amarmos, de que em um mundo ideal inventado pelo nosso próprio amor?...

— Sim! Sim! exclamou Angelo. Eu quero viver eternamente contigo!... Eu quero continuar a ser uma sombra! Eu quero sonhar!...

— Sim! Sim! exclamou Angelo. Eu quero viver eternamente contigo!... Eu quero continuar a ser uma sombra! Eu quero sonhar!...

— E tarde! repetiu o espetro. Mira-te na tua obra!

— E o seu rosto começou a fazer-se pálido, até tornar-se cor-de-rosa, e os seus olhos foram-se esfumando, a cobrirem-se de sombra, até que nada mais eram do que dois negros buracos apagados, e os seus narizes desapareceram, e os seus cabelos abandonaram o crânio amarrado e nô, e os seus lábios sumiram-se, deixando a descoberto os dentes já sem brilho.

E a caveira ressurgiu afinal, sorrindo para Angelo, pavimentamente.

E por debaixo do alvo roupe-mortuário, foi, pouco a pouco, fugindo a carne, que o enchiça.

Desfizeram-se as voluptuosas curvas dos quadris e do colo. A túnica engolhuu bambu como um sudário sobre um esqueleto.

E Angelo ouviu um sinistro cascalhar de ossos, e, soltando um grito, viu cair e sumir-se o desfeito espetro na aberta e tenebrosa boca do sepulcro.

Debruçou-se sobre a cova.

— Que loucura com isto?...

— A razão, porque tu me enlouqueces... Tu és a minha loucura, sedutor demônio!

— Loucura! E conheces por

acaso, alguma coisa no mundo que não seja delírio e loucura?... O que é a tua virtude senão loucura?... O que é a tua religião?... Tudo isso é insânia!... Tudo isso é a febre dos doidos! é o desvairar dos loucos!...

Nada mal viu do que um pântano de lodo.

Ozéas acudira de carreira, e lançou-se para ele com os braços abertos.

Que tens meu filho? Que tens?... Fala! exclamou, erguendo-o.

Angelo pôs-se de pé, passou a mão pela fronte, e disse amargamente:

— Acabou-se tudo... Nunca mais, nunca mais a verel!...

— Por Deus que nunca mais! confirmou o velho. Os céus ouviram as minhas suplicas e acabaram de restituí-lhe a razão!...

O pároco olhou em torno dele, como um alucinado que em verdade recuperava naquele instante o entendimento.

— Ah! disse depois. Eu estava louco!...

Sim... Agora comprehendo... Era tudo desvario... Era tudo louco!...

E calou-se durante algum tempo.

— Sonhos!... sonhos!... prosseguiu quase em segredo, proclamando a cabeça desconsoladamente.

Sim... eu existo... eu sou o seminarista Angelo... o pupilo de frei Ozéas... a criança encontrada à porta do convento de São Francisco de Paula... Aquele amor, aquela felicidade, eram sonho, eram loucura!...

E apontando para dentro da sepultura:

— Isto aqui é a realidade... isto aqui é a verdadeira vida!...

— Sim! confirmou o frade.

Angelo tomou-lhe as mãos, perguntando-lhe ansiosamente:

— Então nunca mais a verel?... nunca mais a estralar nos meus braços, peito a peito, lábio a lábio?...

— Não!

— Então, nesta vida real, nunca mais terei um raio de amor, que aqueça minha alma?...

— Tens o amor de Deus?

— Deus?... E onde está ele que nunca o vi, apesar de lhe ter dedicado a vida inteira?...

Ozéas ergueu o braço, apontando para o céu.

— La? perguntou Angelo, com o braço erguido.

— La? respondeu Angelo, com a sua obra, bandido!

— Não! gritou Ozéas, fazendo um supremo esforço para desviar o filho do precipício. Não te matará.

E engalfinhados numa tremenda luta, rolararam até a sepultura de Alzira.

— Não há de morrer!

— Pois morrerás tu, exaltando o pároco, ofegante, pondo-lhe o joelho sobre o peito. E arrancou uma cruz da terra.

— Vés?... disse bramido a com o braço erguido. E com a própria arma da tua religião que te vou ferir!

E cravou-lhas na garganta.

Ah! gemeu Ozéas. Perdi-lhe, Señor!

E vendo que Angelo galgava a rampa do precipício, tentou ainda arrastar-se para lá, instintivamente. Gorgulhava-lhe forte o sangue da ferida.

— Angelo, meu filho! Atende! vagiu agonizante. Não procures a morte!

— Não é um homem, é um padre!

Angelo fitou-o, aproximando o seu rosto do dele.

— E quem me tirou o direito de ser homem?... interrogou.

Quem me obrigou a ser padre?... Qual bárbara violência foi essa de me trocarem um direito por uma responsabilidade?... Quem foi que cometeu esse crime?

E, segurando violentamente o braço de Ozéas, bramiu com os lábios tremulos e os olhos feridos:

— Ah! ah! foste tu bem a sei!... encontras-te-me pequeno, desamparado, sem ter nada no mundo, nem mão no membro... e carregaste-me para a tua sombra fúria, tal a fera carega a mesquinha pressa!... Encerraste-me naquele tenebroso convento, e ai me deformaste a alma como um saltimbano ao corpo do coitado que lhe caí nas garras.

E cruzando os braços, interrogou com voz terrível, perfilado de fronte de Ozéas:

— E quem te deu o direito de deformar minha alma?... Quem te deu o direito de fazer de mim um padre?... Quem?!

Responde!

— As minhas sagradas con-

vicções, as minhas crenças!... respondeu o egresso.

Angelo sorriu ironicamente.

— Crenças!... convicções!... disse. E tudo isso de que me serve agora?

Eu quero viver! eu quero a quinhão de vida a que tenho direito! restitui-me a minha mocidade, o valor do meu sangue, o meu talento! Entregame-me o que merebaste, ladra!

Ozéas deixou-se cair de joelhos e abriu os braços, voltando para o céu os olhos lacrimosos:

— Oh! meu Deus! suplicou. O' meu Deus! pleidei para ele! Socorre-o. Ilumina-o com a vossa divina graça!

E' tarde!... rouquedo Angelo. A sombra de Alzira bem à disse!

E' tarde!... roubador de crianças, salteador d'almas! Ji não tenho a perder, porque me roubaste alinal a última ilusão! Nada me resta fazer neste mundo de nojentas misérias! Sé maldito! Adeus!

E lancou-se de carreira para o abismo onde terminava o cemitério.

Mas Ozéas alcançou-o e prendeu-o nos braços.

— Meu filho! meu filho! atende-me, por amor de Deus!

— Não sou teu filho, não sou nada, sou um padre! respondia Angelo, debatendo-se para arrancar-lhe os braços dele. Deixei de ser um vivo entre os mortos, sou um morto entre os vivos!

— Que vais fazer, Angelo?

— Completar naquele abismo a tua obra, bandido!

— Não! gritou Ozéas, fazendo um supremo esforço para desviar o filho do precipício. Não te matará.

E engalfinhados numa tremenda luta, rolararam até a sepultura de Alzira.

— Não há de morrer!

— Pois morrerás tu, exaltando o pároco, ofegante, pondo-lhe o joelho sobre o peito. E arrancou uma cruz da terra.

— Vés?... disse bramido a com o braço erguido.

— Não! respondeu Angelo, com a sua obra, bandido!

E vendo que Angelo galgava a rampa do precipício, tentou ainda arrastar-se para lá, instintivamente. Gorgulhava-lhe forte o sangue da ferida.

— Angelo, meu filho! Atende! vagiu agonizante. Não procures a morte!

— Não é um homem, é um padre!

Angelo fitou-o, aproximando o seu rosto do dele.

— E quem me tirou o direito de ser homem?... interrogou.

Quem me obrigou a ser padre?... Qual bárbara violência foi essa de me trocarem um direito por uma responsabilidade?... Quem foi que cometeu esse crime?

E, segurando violentamente o braço de Ozéas, bramiu com os lábios tremulos e os olhos feridos:

— Ah! ah! foste tu bem a sei!... encontras-te-me pequeno, desamparado, sem ter nada no mundo, nem mão no membro... e carregaste-me para a tua sombra fúria, tal a fera carega a mesquinha pressa!... Encerraste-me naquele tenebroso convento, e ai me deformaste a alma como um saltimbano ao corpo do coitado que lhe caí nas garras.

E cruzando os braços, interrogou com voz terrível, perfilado de fronte de Ozéas:

— E quem te deu o direito de deformar minha alma?... Quem te deu o direito de fazer de mim um padre?... Quem?!

Responde!

— As minhas sagradas con-

vicções, as minhas crenças!... respondeu o egresso.

Angelo sorriu ironicamente.

— Crenças!... convicções!... disse. E tudo isso de que me serve agora?

Eu quero viver! eu quero a quinhão de vida a que tenho direito! restitui-me a minha mocidade, o valor do meu sangue, o meu talento! Entregame-me o que merebaste, ladra!

Ozéas deixou-se cair de joelhos e abriu os braços, voltando para o céu os olhos lacrimosos:

— Oh! meu Deus! suplicou. O' meu Deus! pleidei para ele! Socorre-o. Ilumina-o com a vossa divina graça!

E' tarde!... rouquedo Angelo. A sombra de Alzira bem à disse!

E' tarde!... roubador de crianças, salteador d'almas! Ji não tenho a perder, porque me roubaste alinal a última ilusão! Nada me resta fazer neste mundo de nojentas misérias! Sé maldito! Adeus!

E lancou-se de carreira para o abismo onde terminava o cemitério.

Mas Ozéas alcançou-o e prendeu-o nos braços.

— Meu filho! meu filho! atende-me, por amor de Deus!

— Não sou teu filho, não sou nada, sou um padre! respondia Angelo, debatendo-se para arrancar-lhe os braços dele. Delixei de ser um vivo entre os mortos, sou um morto entre os vivos!

— Que vais fazer, Angelo?

— Completar naquele abismo a tua obra, bandido!

— Não! gritou Ozéas, fazendo um supremo esforço para desviar o filho do precipício. Não te matará.

E engalfinhados numa tremenda luta, rolararam até a sepultura de Alzira.

— Não há de morrer!

— Pois morrerás tu, exaltando o pároco, ofegante, pondo-lhe o joelho sobre o peito.

E arrancou uma cruz da terra.

— Vés?... disse bramido a com o braço erguido.

— Não! respondeu Angelo, com a sua obra, bandido!

E vendo que Angelo galgava a rampa do precipício, tentou ainda arrastar-se para lá, instintivamente. Gorgulhava-lhe forte o sangue da ferida.

— Angelo, meu filho! Atende! vagiu agonizante. Não procures a morte!

A morte de um mediador cultural — Ernesto Feder

Joaquim Nabuco, em sua autobiografia "Minha formação", fala de seu drama sobre o problema da Alsácia-Lorena, de que se ocupava em 1875, quatro anos depois da guerra que custou à França aquelas duas províncias. "O meu drama visava a unidade da justiça, do direito ideal entre as nações, e baseava-se, em seu entro, nas amizades e simpatias que ligaram a França intelectual moderna à Alemanha de Klopstock, Wieland, Lessing, Schiller, Goethe e Heine, de Herder, Winkelmann, Jean Paul Richter, Johannes Müller, de Novalis e dos Schiller, de Kant, Fichte, Hegel, Schelling, de Buch, Gluck, Schubert, Mozart, Schubert, Schumann e Beethoven".

Este grande escritor e estadista brasileiro não foi o último dos que, partindo das grandes ideias comuns, e condenando-se noente desses infelizes territórios fronteiriços, se esforçaram por obter a aproximação das duas nações. O que, depois da guerra de 1870, se mostrou inviável, parece adiado indefinidamente pelas duas guerras da nossa época, em face das quais o conflito anterior se revelou as características de uma guerra militar.

E simbólico o fato de, justo neste momento, desaparecer o último desses grandes mediadores culturais, o germanista Enrique Lichtenberger, de co-natural família alsaciana, e que, patriota francês ardente, votara a vida à tarefa de ser, junto de seus patrícios, o intérprete dessa verdadeira cultura alemã, cujos mais notáveis representantes Nabuco enumera como conhecedor que é. Com o ato de devidão à dificuldade das comunicações, nos chega a notícia de que esse esforçado sabio saiu de morrer, aos 78 anos, em Biarritz, na França ocupada.

A família Lichtenberger, uma das grandes famílias protestantes da Alsácia católica, contribuiu, durante três gerações, para a vida intelectual da França. O avô de Enrique foi deputado da Faculdade Evangélica de Estrasburgo, e quem quer que conheça as belas pinturas murais da Sorbona há-de lembrar-se de sua cabeca fina e espiritual que aparece entre os membros da Universidade. O Ernesto Lichtenberger, foi humanista com o que acaba de desaparecer e o que sucedeu na catedral da Sorbona.

O grande Paladio — A. Austregesilo

(Da Academia Brasileira)

Orgulho e desconfiança eram-lhe as qualidades precipuas da personalidade. Nasceu no Norte do país, em terras secundas de inteligência e de mistigação. Desde a infância se revelava caprichoso, autoritário, tirano e revel. Era para os pais e para os numerosos irmãos, despotismo supérmoderno e temioso, tenente aos maus feitos e às frequentes mendicâncias. Mentia e jurava por Deus "que nada fizera, que estava inocente"...

Na escola primária e no colégio do curso secundário mostrava-se amaldiçoado aluno triunfante: inteligência lúcida, fácil compreensão, porém enfatizado e amante de elogios. Julgava-se sempre superior aos colegas, e dentro de si mesmo estava convencido valer mais do que os mestres, fosse qual fosse a disciplina.

Não possuía, porém, pendores para as matemáticas e para o desenho. "Assunto para imbecis, para cretinos, para os bairros e senhores de bom memória".

Desenvolveu-se. A puberdade lhe preceou. Usou e abusou de sexualidade juvenil em todas as suas expansões, sem rebuços e freios. Temperamento excessivamente sensual, edo caiu na vida das prostitutas baratas e viciadas.

O espírito literário dominava-lhe a alma e o caráter.

Sempre pseustá, imaginativo, bajulador, intríguista, vaidoso e desconfiado, procurava entre os mestres, os companheiros, entre os irmãos e os amigos, reivindicar direitos e ler o predominio de opinião, de lugar e de postura.

E assim cresceu, desenvolveu-se, subiu as escadarias da vida, Paladio, que gozava sempre que chamavam o "Grande Paladio".

Matriculou-se em uma das faculdades superiores do Norte

e sem dificuldades galhou o título de homem formado, de doutor como se costume dizer entre nós.

A vida estudantescas foi de aventuras amorosas de toda a casta: conquistador vulgar, com os requisitos de sensualidade.

Logorréico e imaginativo, formava em torno de si carneiros do Panurgio que o admiravam e aplaudiam como o maior talento da geração ecolar. Para ele todos eram "burros, ignorantes, idiotas, insensatos, medíocres"... So ele tinha talento criador, ideias inéditas e transmutadoras do mundo civilizado. Os grandes nomes brasileiros eram burlas da augestão da imbecilidade nacional. "Pobre Brasil, povoado de mecheocidas balafões e incendiárias. Os heróis eram palitos de fósforos; os escritores, contadores de lotorias insócioas; os políticos, ratazanas, camordonos, camelos, falastrodos e pendentes. O país estava vazio; só conhecia um homem superior que era ele mesmo o "Grande Paladio", o único gênio brasileiro, a única luz espiritual neolatina".

Inegavelmente Paladio tinha talento: palavra fácil, oratória brillante, porém trivial, estilo vivido, estro poético, fantasia ao extremo, bajulador invulgar, mentiroso impar, cheio de impudica e de desconfiança inacabada...

A ascenção no meio nacional foi-lhe facilíssima, porque, pelas attitudes de Paladio, pela augustinabilidade humana, pela facilidade de conquistas sociais, o nosso herói foi tipo por todos como grande homem. Galgou as escadas habituais dos políticos no Brasil: jornalista atrevido, oposicionista, vivaz nas polêmicas e nos artigos de fundo; católico engrossador,吞umizaz em intrigas e maledicências, mas ativo e simpático. Foi eleito deputado federal pela oposição, porém, com os favores e as facilidades do governador do seu Estado natal.

Na Câmara Federal, mostrou-se agil, palrador, orgulhoso, acharanado as vontades governamentais, discutidor, ideólogo, energumeno, a usar tropas de retórica sedicia, a empregar charões provincianos, e assim cípitos simpáticas oficiais e foi convidado, em crise política, a ocupar uma das pastas vagas no Ministério.

Paladio subiu... Pelas diatribes da imprensa, pela bajula-

ção e atividade dispersiva, pelo paixionismo exacerbado, foi deputado, ministro de Estado, nome popular no meio brasileiro, o "Grande Paladio", como todo o mundo lhe chamava...

Certo dia, entrou-me no consultório, uma senhora, reservada e afilada. Fiz-lhe as perguntas da praxe clínica.

— Não é para mim, doutor, a consulta e sim para o meu marido. Não sabe que aqui vim? É um louco, doutor... Desconfiado, orgulhoso, ciumento em excesso, tudo interpreta para o pior. Julga-se perseguido; todos querem fazer-lhe mal. Envenenam-no; intrigam-no com o governo; julga que quero matá-lo para casar-me com outro... Enfim, vivo em desespero que não posso suportar. Fala mal de todo mundo: todos são ignorantes e céticos. Julga-se o maior dos brasileiros. Faz projetos imensos para a salvação da Pátria e da humanidade.

— Não há olhares, negredos, vozes, artigos da imprensa que não sejam elementos de censura contra ele. Um horror! Quase ninguém sabe das suas atitudes, do verdadeiro delírio de grandezza e perseguição que o atormenta. Perseguem-no porque é um gênio, o futuro rédor do País, para ele, esfazela, aniquilada, em caminho de banco-roto, em dissolução moral.

— Nada se pode fazer, minha senhora. A internação em Casa de Saúde é contra-indicada. A inteligência fina e arguta afasta-o dos médicos. Julga-se sábio, nerfeiramente sábio, como se acontecer em casos análogos...

— Não há tratamento especial. Tudo vem do heroo, da má educação da casa paterna e dos colegas... Nada podemos fazer.

Assim triunfou a personalidade mórbida de Paladio, tida por uns como sublime, por outros como canhão, por muito poucos como inferno.

O Grande Paladio Vive a existência dos vitóriosos, atormentado pela condição paranoide do temperamento e do caráter, insatisfeito, inconsolado, orgulhoso, cheio de desconfianças e falsas interpretações, porque o Brasil era pequeno para contê-lo, e os homens incapazes de lhe reconhecerem a sublimidade que lhe atormentava o cérebro como foguete ardente e sufocante...

O "INTERMEZZO", de H. Heine

23

Afonso Celso

Se do vergel as flores
Podessem ver meu coração ferido,
Seguramente ao pobre desvalido
Trariam logo um bálsamo de olores.

Se as aves da floresta
Suspeitassem-me a intima agonia,
Buscassem com hinos de alegria
Alugentarme esta aflição funesta.

E os astros lá da altura,
Para as trevas banir do meu tormento,
Desceriam talvez do firmamento
Se vislumbrassem minha mente escura.

Muda, porém, consome
A dor meu ser, que os transes não revela;
Conheço-os ela só, mas, oh! foi ela
Quem essa dor causou-me!

24

Gonçalves Crespo

Não me saber dizer, oh! minha mada,
O motivo, a razão
Porque pendem, a face desmaiada,
As rosas para o chão?

Não me sabes dizer porque, no meio
Do vasto prado em flor,
Das violetas cárdeas no roxo scio
Um véu de luto e dor?

Diz-me porque ouço a voz das cotovias
Hoje lugubre assim?
E por que exalam mortes e agonias
As urnas do jasmim?

Por que motivo o sol tão claro e puro
De crepe se vestiu?
Por que um sinistro pesadelo escuro
Sobre a terra caiu?

Bem sei eu porque vejo tudo triste,
Sem luz e sem calor...

E' que tu, pomba branca, me fugiste
Meu amor, meu amor!

25

Gonçalves Crespo

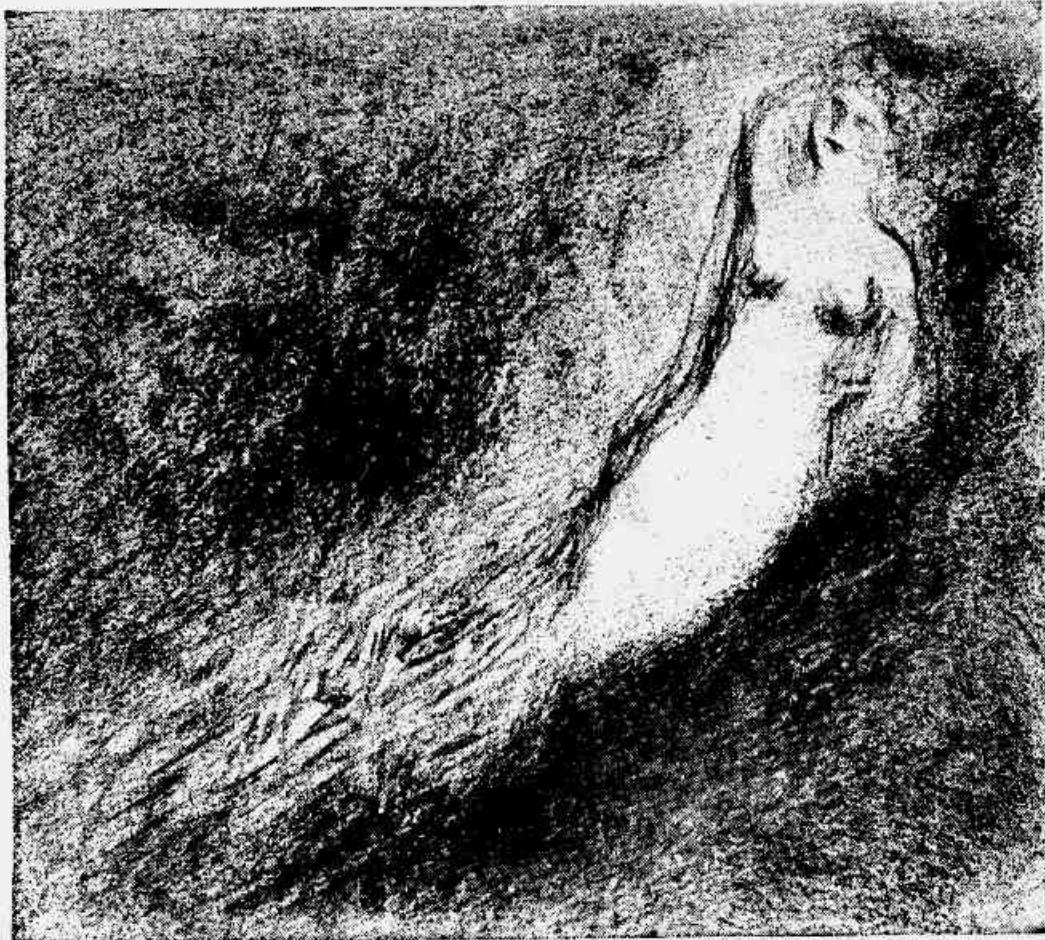
Disseram-te de mim feios horrores,
De imaginárias culpas me crivaram,
E sobre as minhas lamentaveis dores
Um negro véu lançaram!

Distenderam os lábios sacudindo
Com grave e sério geito a fronte, e ao cabo...
E acreditaste-os tu, meu anjo lindo!
Chamaram-me o diabo!

O que há de mais escuro e de mais feio
Na minha vida ignoram-no os sandeuces,
Tão oculto este amor vive em meu scio,
O' luz dos olhos meus!

Falando à Sombria e Misteriosa Princesa

(Ilustração de OSVALDO GOELDI)



Se me fosse possível escolher o momento em que tu hás de vir,
oh! Sombria e Misteriosa Princesa!
eu não te pediria que viesses entre flores,
nem que viesses entre luzes festivas.

Eu pediria somente que viesses entre musicas.

Que houvesse no sereno céu muitas harmonias soltas.
Que o mar, o grande e sonoro mar, o mar divino,
cantasse suas canções, agora desconhecidas.

Assim, fosse entre músicas ardentes e melancólicas
que eu te recebesse em meus braços,
Oh! Sombria e Misteriosa Princesa!
que eu recebesse em meus lábios trêmulos o teu beijo misericordioso.

MUCIO LEÃO

Galeria de nomes ilustres



O sr. ALCINDO ARANTES, presidente da Academia Paulista de Letras. É uma figura ilustre do escritor e orador



AFONSO CELSO. Na véspera de quatro anos, completados no dia 11 de março findo, nascia, em Quixadá, esse eminentíssimo velho das lutas brasileiras



ARTUR ORLANDO, escritor brasileiro, cuja data de falecimento transcorreu a 27 de março último. Foi membro da Academia, e deixou uma obra de estudos políticos e sociais digna de toda a atenção



VICTOR MARGUERITE, autor de "La Garonne". Nos 76 anos de idade, em Monastier, perto de Vichy, na França, faleceu esse escritor, que seu extraordinário talento obteve com o livro aclamado referido. Era irmão de Paul Marguerite, em colaboração com este compôs quase toda a obra numerosa que nos legou